

# Primeira Escrita

n. 04

2017

ISSN 2359-0335



**Revista do Curso de Letras**  
**Câmpus de Aquidauana**  
**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**



**PRIMEIRA ESCRITA**  
**Revista do Curso de Letras do Câmpus de Aquidauana**  
**da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**

**Coordenação**

Editora-chefe: Daniela de Souza Silva Costa (UFMS)  
Editor-adjunto: Mario Marcio Godoy Ribas (UFMS)

**Periodicidade**

Anual

**Divulgação**

Eletrônica em  
<http://seer.ufms.br/index.php/revpres/index>

**Contato Principal**

Daniela de Souza Silva Costa  
[primeiraescritacpaq@ufms.br](mailto:primeiraescritacpaq@ufms.br)

**Endereço para correspondência**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Revista Primeira Escrita  
A/C Daniela de Souza Silva Costa  
Rua Oscar Trindade de Barros, 740  
Bairro da Serraria  
Aquidauana – MS  
CEP 79200-000

**Conselho Editorial**

Ada Magaly M. Brasileiro, Faculdade Pitágoras, Brasil  
Alcione Maria Santos, UFMS, Brasil  
Auri Claudionei Matos Frubel, UFMS, Brasil  
Eliane Mourão, UFOP, Brasil  
Esequiel Gomes da Silva, UFPA, Brasil  
Maria Alzira Leite, UNINCOR, Brasil  
Maria Angela P. Teixeira Lopes, PUC Minas, Brasil  
Morgana Fabiola Cambrussi, UFFS, Brasil  
Nara Hiroko Takaki, UFMS, Brasil  
Paulo A. Pereira, Universidade de Aveiro, Portugal  
Raimunda Madalena A. Maeda, UFMS, Brasil  
Rauer Ribeiro Rodrigues, UFMS, Brasil  
Reinaldo F. Silva, Universidade de Aveiro, Portugal  
Rogério Vicente Ferreira, UFMS, Brasil  
Rosana Cristina Zanelatto Santos, UFMS, Brasil  
Simone de Paula dos Santos, UFVJM, Brasil

**Projeto Gráfico**

Mario Marcio Godoy Ribas, UFMS

**Revisão de Língua Espanhola**

Edelberto Pauli Júnior, UFMS

**Revisão de Língua Inglesa**

Mario Marcio Godoy Ribas, UFMS

Os conteúdos e as opiniões emitidas nos textos da Revista Primeira Escrita são de inteira responsabilidade dos seus autores.

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.





## SUMÁRIO

- 3** APRESENTAÇÃO  
Por Daniela de Souza Silva Costa

### ENSINO DE LÍNGUAS, SEMIÓTICA, SEMÂNTICA, SINTAXE

- 4** O DISCURSO RELIGIOSO COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA EM UM DEBATE ELEITORAL POLÍTICO  
por Elaine Fonseca
- 15** UM ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DA PALAVRA VESGO NAS LÍNGUAS GUARANI – CASTELHANO – PORTUGUÊS  
Por Diana Pacheco de Souza e Lilian Paredes Moreno
- 24** AS MARCAS DA EXCLUSÃO: PODER E RESISTÊNCIA NO DISCURSO DOS ALUNOS DO INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, CAMPUS AQUIDAUANA  
Por Daniele Lucena Santos e Juvenal Brito Cezarino Junior

### ESTUDOS LITERÁRIOS

- 33** DO ROTEIRO AOS PROTAGONISTAS: A MUTABILIDADE ARQUETÍPICA DA SÉRIE THE END OF THE F\*\*\*ING WORLD  
Por Renan da Silva Dalago, Ágatha Martins Avila e Altamir Botoso
- 42** NARRAÇÃO E DISSIMULAÇÃO DO DISCURSO HOMOERÓTICO EM "PÍLADES E ORESTES", DE MACHADO DE ASSIS, E "AQUELES DOIS", DE CAIO FERNANDO ABREU  
Por Rodrigo Ramos e Adriana Aguiar
- 50** OS CAMINHOS DA OBRA O ERMITÃO DA GLÓRIA, DE JOSÉ DE ALENCAR: UMA ANÁLISE FILOLÓGICA  
Por Jessica dos Santos Barbosa
- 60** VIDA E OBRA: O AUTOR COMO “SELO DE GARANTIA”  
Por Fabiane Aparecida Pereira e Claudiane Freo



## APRESENTAÇÃO

Daniela de Souza Silva Costa

*Editora-chefe da Revista Primeira Escrita*

Após um período de reformulação, temos a honrosa satisfação de apresentar a Quarta Edição da **Revista Primeira Escrita**.

Certo é que o número de textos que compõem a referida edição está aquém do que pretendíamos; todavia, este resulta de um rigoroso processo de avaliação às cegas realizadas em pares por renomados estudiosos da área, pesquisadores vinculados a diversas instituições de Ensino Superior em nosso imenso Brasil.

Dentre os capítulos do nosso número 4, encontram-se estudos literários e também linguísticos, que evidenciam o desenvolvimento das pesquisas em Letras, motivação principal desta publicação, que é editorada por professores dos cursos de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, câmpus de Aquidauana (UFMS/CPAQ), e que conta com a contribuição de pesquisadores das várias regiões do país.

Desejamos, pois, uma produtiva e agradável leitura desta publicação, certos de contar com a atenção de nossos leitores e também com suas contribuições em números posteriores.



## O DISCURSO RELIGIOSO COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA EM UM DEBATE ELEITORAL POLÍTICO

Elaine Fonseca

Universidade Federal de Minas Gerais

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo geral a realização de uma análise retórico-argumentativa de um debate político eleitoral realizado no ano de 2014 entre os candidatos à presidência da república brasileira na TV Aparecida. O objetivo específico é identificar a utilização de um discurso religioso como estratégia discursiva. Como respaldo teórico, além da prova retórica do *ethos*, desenvolvida por Aristóteles (384-322 a.C.), foram utilizadas algumas conceituações e categorizações elaboradas por Charaudeau (2006; 2007; 2008) acerca do discurso político e dos estudos da argumentação. Ao final da análise, foi constatada a tentativa de identificação com o auditório católico através da menção a personalidades e à simbologia católica e/ou à construção de um “*ethos* de católico” por parte dos candidatos.

**Palavras-chave:** Discurso político. Discurso religioso. Retórica. *Ethos*.

### RESUMEN

Este artículo tiene por objetivo general la realización de un análisis retórico-argumentativo de un debate político electoral realizado en el año de dos mil y catorce entre los candidatos a la presidencia de la república brasileña en la TV Aparecida. El objetivo específico de este artículo es la identificación de la utilización de un discurso religioso como estrategia discursiva. Como respaldo teórico, además de la prueba retórica del *ethos*, desarrollada por Aristóteles (384-322 a.C), se utilizaron algunas conceptualizaciones y categorizaciones elaboradas por Charaudeau (2006; 2007; 2008) acerca del discurso político y de los estudios de la argumentación. Al final del análisis se constató el intento de identificación con el auditorio católico a través de la menção a personalidades y a la simbología católica y/o la construcción de un “*ethos* de católico” por parte de los candidatos.

**Palabras clave:** discurso político. Discurso religioso. Retórica. *Ethos*.

**Elaine Fonseca** é doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais.  
E-mail: elainecrisnl@yahoo.com.br.



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No dia 16 de setembro de 2014, foi realizado o quarto debate televisivo entre os candidatos à presidência da república. Os candidatos Dilma Rousseff (PT), Aécio Neves (PSDB), Marina Silva (PSB), Luciana Genro (PSOL), Eduardo Jorge (PV), Levy Fidelix (PRTB), Pastor Everaldo (PSC) e Eymael (PSDC) se reuniram nos estúdios da TV Aparecida, na cidade de Aparecida do Norte, em um encontro idealizado pela CNBB – Confederação Nacional dos Bispos do Brasil.

Os três debates anteriores não contaram com a presença do candidato Eymael, por seguirem a regra de convocarem somente os candidatos à presidência filiados a um partido político que possuíssem, de fato, representação política, ou seja, algum filiado de seu partido que exercesse algum cargo político. No entanto, por ser este um debate organizado por uma entidade católica, foi decidido que o candidato de um partido político católico também fosse convocado. Entre os vários debates realizados no primeiro e no segundo turno da corrida presidencial brasileira, optamos pela análise desse encontro em específico, uma vez que ele nos permite tratar de dois tipos de discursos que possuem grande notoriedade e influência na sociedade brasileira: o discurso político e o religioso.

Não que o tema religião ou o discurso religioso não tenham surgido de forma direta ou indireta em outros debates, mas por ser esse um encontro idealizado por um grupo católico e voltado a esse público. Assim, a expectativa é de que diferentes estratégias discursivas sejam utilizadas na tentativa de conquista e adesão desse público, sendo a utilização de um discurso religioso uma delas.

A princípio, o Brasil é um país laico, mas é impossível negar a grande influência que o discurso religioso, sobretudo o cristão, ainda exerce na sociedade: vejam-se os inúmeros feriados nacionais, estaduais e municipais em

datas religiosas; o uso corriqueiro de expressões linguísticas e provérbios que remetem a figuras religiosas (“Graças a Deus!”, “Fique com Deus!”, “Nossa Senhora!”, “Se Deus quiser!”, “Deus ajuda quem cedo madruga!”, “A voz do povo é a voz de Deus!”, etc.); a influência de crenças religiosas na elaboração e no seguimento de certas leis e as paixões e preconceitos que comumente permeiam discussões relativas ao tema.

Diante desse cenário, o objetivo geral de nosso trabalho é realizar uma análise retórico-argumentativa do debate político eleitoral citado anteriormente, tendo como foco a identificação do discurso religioso como estratégia discursiva.

Como respaldo teórico para nossa análise, utilizaremos algumas conceituações e categorizações propostas por Charaudeau (2006; 2007; 2008) acerca do discurso político e dos estudos retóricos.

## 1 RETÓRICA, POLÍTICA E RELIGIÃO

Segundo Reoul (2004), foi o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C) o responsável por uma sistematização da retórica como um estudo da argumentação. Em seu sistema, Aristóteles classificou os meios de persuasão em três categorias: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. O *ethos* reside no caráter do orador e em sua capacidade de ser visto como alguém que é digno de fé; o *pathos* é a capacidade de transmitir emoção em seu discurso e o *logos* apela à razão, quando se mostra a verdade ou o que parece ser verdade.

Ainda nos tempos mais remotos da *polis* grega, a relação entre retórica, política e religião já se fazia notar. Segundo Funari e Grillo (2012), na *Ilíada* de Homero, o relato da assembleia dos Aqueus é um exemplo revelador dessa relação. Essa assembleia teve como objetivo decidir se a guerra contra Troia continuaria ou não. Foram oradores: Agamêmnon, Tersides, Odisseu e Nestor. Agamêmnon, com sua estratégia



retórica política, foi muito bem-sucedido, pois convenceu o povo de que a guerra contra Troia deveria continuar. Ele foi muito aclamado, enquanto seus opositores: Tersides, Odisseu e Nestor, foram silenciados por seus ataques e críticas à sua incapacidade oratória. O conselho, composto pelo rei, anciãos e chefes guerreiros, desempenhou também papel importante, pois indicou o rumo a seguir, argumentando, sobretudo, com a evocação de ritos e fatores religiosos, o que lembrou ao povo a necessidade da obediência. A relação entre retórica, política e religião, como veremos, manteve-se através dos tempos até a atualidade.

Para Reboul (2004), o Cristianismo se tornou o grande depositário da arte da retórica ainda no fim da Idade Antiga, durante o esfacelamento do Império Romano. Embora, na época, houvesse grande rejeição aos autores pagãos por parte da Igreja, as estratégias retóricas não foram deixadas de lado no processo de conversão de vários fiéis, incluindo os invasores bárbaros. Mesmo a Bíblia, considerada a obra mais importante da cultura cristã, é extremamente retórica em sua estrutura, com a utilização de argumentações, analogias, exemplificações, hipérbolos, tal como ocorria nos textos gregos.

Na Idade Média, o elemento que assume importância dominante nos esforços persuasivos do pregador medieval é a irrefutabilidade da mensagem que ele passa para seus ouvintes. Ela deve ser baseada solidamente na autoridade e na eloquência natural da Sagrada Escritura. A verdade, nessa fase, não é aquela como para Platão, tampouco se trata de opinião ou probabilidade como concebido por Aristóteles: trata-se da verdade bíblica. No Medievo, a Lógica dominante era a escolástica, que buscava unir fé e razão.

Atualmente, o Cristianismo conta com seguidores de variadas correntes religiosas, entre eles: os católicos, seguidores da Igreja

Católica Apostólica Romana, que foi fundada durante o Império Romano; os luteranos, que surgiram da revolta do padre alemão Martinho Lutero contra alguns procedimentos da Igreja Católica no século XVI, desencadeando a Reforma Protestante; os presbiterianos, seguidores do teólogo francês João Calvino, no século XVI, durante a Reforma Protestante; os anglicanos, que também surgiram no século XVI a partir do rompimento do Rei Henrique VIII com a autoridade papal; os batistas, que também ganharam força a partir do século XVI, com a Reforma Protestante; os metodistas, surgidos na Inglaterra do século XVIII propondo reformas para a Igreja Anglicana; os pentecostais, que surgiram no início do século XX, dissidentes dos metodistas; e os neopentecostais, surgidos na segunda metade do século XX.

Podemos considerar que todas as correntes do Cristianismo se utilizam de técnicas retóricas tanto na conversão quanto na manutenção de seus fiéis em seus cultos, rituais e tradições. Ademais, com sua retórica, buscam influenciar a política dos estados, ocupando cadeiras no legislativo e no executivo, tanto no âmbito federal quanto no estadual e no municipal.

Nos Estados Unidos, por exemplo, nos dias atuais, a retórica religiosa é um aspecto importante para compreender como os candidatos se relacionam com os eleitores, embora a constituição americana proíba explicitamente que se valha de crenças e valores religiosos para se qualificar a cargos públicos. Em seu livro *Religious Rhetoric and American Politics*, Christopher B. Chapp (2012) mostra que os americanos frequentemente fazem escolhas políticas por se identificarem com esses valores. Chapp (2012) examina o papel da retórica política religiosa nas eleições americanas, analisando como os candidatos se comportam e como os eleitores reagem aos apelos religiosos na esfera pública. Segundo ele, a retórica religiosa se caracteriza por dois





fatores: as sugestões emotivas e os apelos à identidade coletiva — e esses fatores formam regularmente os resultados das eleições presidenciais americanas e a dinâmica da representação política. Apesar de tendermos a pensar que determinadas questões (como por exemplo, o aborto) são invocadas para apelar a circunscrições religiosas específicas, Chapp (2012) mostra que a retórica religiosa é frequentemente mais abrangente, não se restringindo a questões específicas. Ele conclui que a identificação do eleitor com uma religião qualquer é uma força motriz em eleições americanas, apesar das divisões entre as diversas religiões.

Charaudeau (2006) define a política como um conjunto de ações que visam à organização e à regulamentação da vida em sociedade, tendo em vista, idealmente, a obtenção do bem comum. A relação entre retórica e política ocorre na medida em que o sujeito político só consegue exercer sua atividade através da utilização de sua capacidade de persuasão em seu discurso, que se concretiza nas mais diversas situações que caracterizam o fazer político, seja na legislação, seja na promulgação de leis e sanções; seja nas discussões ideológicas acerca de quais seriam as melhores ações e posicionamentos; seja no processo das eleições, no qual ocorre a escolha daqueles que representarão os interesses sociais no âmbito dos poderes executivo e legislativo.

O formato debate eleitoral presidencial, que será objeto de nossa análise, está relacionado às duas últimas situações listadas, uma vez que é constituído por uma grande discussão acerca de qual seria o melhor representante do povo para exercer aquele que é o cargo máximo na hierarquia de responsabilidades e funções de nosso sistema presidencialista.

Para a obtenção de qualquer objetivo político, são várias as estratégias discursivas que podem vir a ser empregadas. Cabe destacar que elas podem ser compreendidas como

estratégias utilizadas por um sujeito ao longo de uma interação visando à persuasão de seu interlocutor (CHARAUDEAU, 2007).

A construção de uma imagem de si (*ethos*) que remeta à imagem ideal de um político, tal como idealizada pelo imaginário coletivo, pode ser uma dessas estratégias, pois, como afirma Charaudeau (2006, p. 87), “[...] no domínio político, a construção das imagens só tem razão de ser se for voltada para o público, pois elas devem funcionar como suporte de identificação, via valores comuns desejados”.

No entanto, a construção de uma imagem de si pode vir a obter sucesso com um determinado tipo de auditório e rejeição com outro. Um *ethos* de um político moderno, por exemplo, pode conquistar a adesão de um público mais jovem ou mais aberto a inovações, mas pode não ser bem visto por um público mais tradicional e conservador. Cabe então aos sujeitos políticos a apresentação de uma construção *ethoica* que atinja ou o maior número possível de pessoas, ou um auditório em específico.

Partindo da ideia de que o sujeito político necessita do suporte da identificação à sua pessoa e também de ser crível em sua empreitada, Charaudeau (2006), classifica o processo da criação da imagem do sujeito político em duas categorias de *ethos*: os *ethé* de credibilidade e os *ethé* de identificação.

Ele subdivide os *ethé* de credibilidade em três tipos: o *ethos* de sério, o *ethos* de virtuoso e o *ethos* de competente (CHARAUDEAU, 2006). Segundo o autor, esses *ethé* são baseados nas três características que permitiriam ao sujeito político conquistar a confiança do auditório. Já em relação aos *ethé* de identificação, destaca aqueles que seriam mais recorrentes, como: o *ethos* de potência, o *ethos* de caráter, o *ethos* de inteligência, o *ethos* de humanidade, o *ethos* de chefe e o *ethos* de solidariedade.





Neste trabalho, como um dos focos é a análise da utilização do discurso religioso em um debate político eleitoral, consideraremos como um dos *ethé* de identificação com o auditório o **ethos de católico**, com base nas imagens comumente partilhadas do que venha a ser uma pessoa praticante da religião católica e no fato de os candidatos à presidência se apresentarem diante de um auditório majoritariamente católico.

A partir do exposto, efetuaremos uma análise retórico-argumentativa do debate eleitoral presidencial ocorrido na cidade de Aparecida do Norte no ano de 2014. A metodologia adotada consiste em transcrever trechos de todas as falas enunciadas pelos oito candidatos ao longo de todo o debate, nas quais houve qualquer menção à própria religiosidade ou a símbolos e personalidades relacionados a qualquer religião (o que caracteriza um discurso religioso), buscando identificar possíveis estratégias discursivas utilizadas.

## 2 ANÁLISE RETÓRICO-ARGUMENTATIVA DO DEBATE POLÍTICO ELEITORAL

A primeira pergunta feita pelo mediador do debate, o jornalista Rodolpho Gamberini, questiona os candidatos a respeito de uma possível concordância em relação a um projeto de reforma política de eixos norteadores propostos pela CNBB – Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (localização: 08min08s a 08min43s):

Os senhores e senhoras sabem, certamente conhecem o projeto de reforma política encampado pela CNBB. Como as senhoras e os senhores veem a necessidade da reforma política, com participação popular, levando em consideração a proposta da coalizão que defende: em primeiro lugar, impedir o financiamento de campanha por empresas privadas; em segundo lugar, eleições em dois turnos, primeiro dos programas partidários e depois das pessoas; em terceiro lugar, maior participação das mulheres; e em quarto lugar

a regulamentação do artigo quatorze da Constituição Federal?

A partir das respostas a essa primeira pergunta já podemos verificar a tentativa, por parte de seis dos oito candidatos presentes, de uma identificação imediata com o auditório católico. Para isso, fazem uso de dois tipos de estratégias discursivas: i) a criação do *ethos* de pessoa católica através da afirmação direta da própria crença; ii) a menção a símbolos ou a figuras importantes para o público católico, indicando conhecimento e respeito pela religião, ou ainda a indicação de proximidade em relação a alguma pessoa influente e seguidora da religião católica. A exceção ocorre por parte das candidatas Marina Silva e Dilma Rousseff, que não fazem qualquer menção à própria religiosidade ou a qualquer símbolo ou pessoa que remeta à religião católica.

Eymael deixa de responder à pergunta proposta e gasta seu tempo de resposta ressaltando sua formação católica e sua “própria história na democracia cristã”, criando para si o *ethos* de pessoa católica ao mesmo tempo em que demonstra familiaridade com conhecimentos e personalidades católicas (09min56s a 10min42s):

[...] De família católica, cresci, me desenvolvi nos quadros da ação católica. Fui benjamim, aspirante e depois um dos dirigentes da JOG, da Juventude Operária Gaúcha. E foi através da JOG que conheci a doutrina social da igreja onde Leão XIII, na *Encíclica Rerum Novarum*, afirma que o trabalho não é mera mercadoria, mas é expressão da dignidade humana. E foi através da própria JOG que conheci e me filiei ao PDC – Partido Democrata Cristão, lá em Porto Alegre, tornando-me democrata cristão e companheiro do grande líder democrata cristão Franco Motoro.

Aécio Neves, por sua vez, fala de seu contentamento por estar em Aparecida do Norte, ressaltando o fato de a cidade ter o nome da santa católica que é tida como padroeira do país e ainda relaciona a aprovação de uma lei



federal à atuação da CNBB, uma entidade católica (11min38s a 13min07s):

[...] Estou imensamente feliz de estar aqui mais uma vez na casa de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil e que Nossa Senhora possa nos ajudar a construir um tempo novo do Brasil onde política e ética voltem a ser compatíveis. [...] A CNBB ajudou muito para que a Ficha Limpa fosse votada e foi o primeiro e importante passo para uma reforma política.

Já Levy Fidelix cita o exemplo de Jesus Cristo, uma das principais figuras da religião católica (25min37s a 26min07s):

[...] Chega a ser criminoso o que fazem conosco dos partidos menores quanto ao tempo de rádio e televisão, não nos dando a visibilidade que merecemos e que poderíamos ter muito mais se nos dessem chance de apresentarmos nossas ideias, os nossos conceitos, nossos ideais. Vislumbro aí exatamente o que Cristo falou lá atrás, exatamente, procurou aos menos favorecidos e não procurou aos fariseus, nem aos romanos.

Ambos, Aécio e Levy, não chegam a se declarar textualmente como católicos nesses momentos, mas utilizam a estratégia da menção a seus símbolos, indicando conhecimento, respeito ou mesmo adesão à simbologia católica.

Os outros três candidatos também não se declaram como católicos, porém, utilizam como estratégia a demonstração de proximidade com figuras proeminentes e seguidoras da religião católica. Eduardo Jorge, por exemplo, inicia sua fala lembrando o aniversário de um cardeal (17min47s a 18min01s): “[...] quero aqui lembrar que domingo foi o aniversário de 93 anos do cardeal Paulo Evaristo Arns. Cardeal, se o senhor estiver nos assistindo, os doze ipês que nós plantamos nos seus 90 anos, passei lá recentemente, estão lindos”.

Luciana Genro, por sua vez, apresenta-se como sucessora de um político católico e busca demonstrar a existência de uma relação entre seu partido, o PSOL, e a entidade católica CNBB (20min01s a 20min36s):

[...] Pra mim é uma grande honra e um desafio suceder Plínio de Arruda Sampaio nessa tarefa de representar o PSOL nas eleições presidenciais. Plínio que foi um exemplo de cristão, um exemplo de católico e colocou a sua vida a serviço de um ideal de justiça e igualdade. [...] Não só o PSOL concorda como foi parceiro da CNBB e das entidades na construção dessa proposta de reforma política.

Já o Pastor Everaldo, um candidato que, por sua própria denominação, já inferimos ser um pastor de alguma religião evangélica, não cita sua própria religião, mas não deixa de mencionar que o presidente de seu partido político, o PSC, é um homem seguidor do catolicismo (22min24s a 22min36s): “[...] O Partido Social Cristão que tem como presidente doutor Vitor Nosseis, católico; padre Aleixo, filho do saudoso presidente Pedro Aleixo, tem proposta de reforma política clara”.

Outras tentativas de construção de um *ethos* de identificação com o auditório católico ocorrem pontualmente ao longo de todo o debate.

No segundo bloco, os candidatos passam a ser questionados por bispos indicados pelo presidente da CNBB. Nessa segunda rodada de perguntas e respostas, pela segunda vez o candidato Eymael reforça seu *ethos* de católico, enquanto Levy Fidelix e Aécio Neves, que anteriormente apenas citaram símbolos da religiosidade católica, dessa vez, também utilizam diretamente o *ethos* de pessoa católica.

Questionado por Dom João Carlos Petrini sobre “que políticas públicas podem corrigir o processo de desvalorização da família”, Levy declara ao longo de sua resposta (30min49s a 31min06s): “[...] sou católico, professo a minha



fé, frequento assiduamente as missas porque tenho convicção na necessidade que uma família unida e dentro da religião, ela pode ser também exemplo para os que vivem a sua volta”.

Aécio Neves, questionado por Dom Joaquim Mol a respeito de medidas para extinção do analfabetismo, do analfabetismo funcional e da baixa qualidade na formação educacional brasileira, declara-se praticante dos valores católicos, além de indicar alguma proximidade com o bispo que lhe fez a pergunta (37min56s a 38min25s):

“[...] Eu quero cumprimentar dom Joaquim Mol, da minha Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, onde aprendi muito os valores que pratico hoje, cristãos, católicos, onde me formei em economia e Dom Joaquim sabe o esforço que fizemos em Minas Gerais, ao longo dos últimos anos, e que nos levou a ter hoje, segundo o Ministério da Educação, a melhor educação fundamental do Brasil em todas as séries”.

Eymael, ao responder uma pergunta de Dom Leonardo Steiner sobre políticas que visem garantir direitos e dignidade a pessoas que se encontram em situação de rua, volta a citar a “democracia cristã”. Podemos destacar que, como candidato de um partido declaradamente católico, ele não deixa de ressaltar esse dado na maioria de suas falas, sempre citando a expressão “a democracia cristã” e colocando-se como porta-voz dela. Por meio da estratégia discursiva da repetição, o candidato trata de sempre reforçar seu *ethos* de católico, reafirmando para o auditório a possível identificação entre eles (42min26s a 43min31s):

[...]O compromisso maior da democracia cristã é o compromisso com a família, compromisso com a defesa dos valores da família, honra, caráter, dignidade, respeito aos mais velhos, solidariedade e o atendimento pleno das necessidades da família: emprego, educação, saúde, segurança, moradia. A dignidade humana é

pedra fundamental no pensamento da democracia cristã e quando se fala em recursos humanos, necessariamente temos que falar de igualdade de oportunidades. [...] Para a democracia cristã a igualdade de oportunidades é o ponto central do processo democrático.

Já Luciana Genro, perguntada por Dom José Belisário sobre seu entendimento por laicidade do Estado e a relação entre Estado e religião, declara-se como uma pessoa não religiosa, mas que possui “enorme respeito por todas as religiões”. Ela acrescenta que não vai se converter “ao sabor de uma necessidade eleitoral como muitos candidatos fazem”. Ainda que se estabeleça como uma pessoa não católica, descartando a estratégia discursiva da construção do *ethos* de católico, a candidata pode criar para si a imagem de pessoa sincera e corajosa, por ter a coragem de se declarar como não religiosa diante de um público católico e ainda “denunciar” a estratégia dos outros candidatos de utilizarem uma suposta conversão como estratégia de persuasão. Tal imagem pode ou não ser bem vista pelo auditório do debate (33min18s a 34min45s):

[...] Primeiro quero dizer com muita sinceridade que não sou uma pessoa religiosa, mas tenho enorme respeito por todas as religiões. Não vou me converter ao sabor de uma necessidade eleitoral como muitos candidatos fazem. Eu entendo que a laicidade do Estado deve ser defendida como uma garantia para todas as religiões e para quem não tem religião. [...] Cada um deve exercer a sua crença com toda liberdade e as políticas públicas pensarem nas necessidades do conjunto da população independente da religião que cada um professe.

As candidatas Marina Silva e Dilma Rousseff, novamente, não fazem qualquer menção à questão religiosa, sendo o mesmo feito, desta vez, pelos candidatos Eduardo Jorge e Pastor Everaldo.



No terceiro bloco, no qual os oito candidatos são questionados por oito jornalistas que “representam as mídias católicas”, identificamos apenas duas utilizações do discurso religioso como estratégia discursiva. Uma delas por parte de Eymael e a outra por Eduardo Jorge. O primeiro mais uma vez se coloca como porta-voz da democracia cristã ao ser questionado pelo jornalista Otavio Baldim a respeito da descriminalização das drogas (01h05min42s a 01h05min50s): “totalmente contra. A democracia cristã é contra, frontalmente, à descriminalização das drogas, inclusive da maconha”.

Já Eduardo Jorge, ao ser questionado pelo jornalista André Costa a respeito da descriminalização do aborto, mais uma vez indica proximidade com um bispo da igreja católica no início de sua resposta (58min08s a 58min23s): “[...] eu sou médico, sou autor da lei de planejamento familiar no Brasil. Dom Luciano, querido amigo da zona leste, esteve na Comissão de Seguridade Social discutindo comigo a atual lei de planejamento familiar do Brasil”.

Já no quarto bloco, único em que os candidatos podem debater uns com os outros, Eduardo Jorge volta a utilizar essa mesma estratégia quando questiona a candidata Dilma Rousseff a respeito de usinas nucleares, afirmando que, através da pergunta está fazendo uma homenagem a um militante católico, Chico Whitaker (01h36min48s a 01h37min10s):

[...] Eu faço uma pergunta homenageando o nosso querido Chico Whitaker, 83 anos, é veterano militante católico e preocupado agora depois da Ficha Limpa [...] e depois que resolveu esse problema da Ficha Limpa agora ele está preocupado com a questão nuclear.

Eymael, questionado por Marina Silva sobre a possibilidade de uma reforma agrária, também repete sua estratégia de reforçar seu *ethos* de católico colocando-se sempre como

porta-voz da “democracia cristã” (01h09min03s a 01h09min14s): “a democracia cristã tem um compromisso fechado com a agricultura brasileira. Notadamente com a agricultura familiar.”

O candidato Aécio Neves, por sua vez, também reforça o seu *ethos* de católico, já constituído anteriormente, quando é questionado pelo Pastor Everaldo a respeito do “mensalão” e “da descoberta de um esquema de corrupção na Petrobras”, referindo-se novamente à “casa da padroeira do Brasil” e aos “valores cristãos” (01h44min20s a 01h44min41s):

[...] O que eu acho, caro candidato, e nós tamos (*sic*) aqui no local, talvez o mais adequado, na casa da padroeira do Brasil, para dizer: não é possível que o Brasil continue ser administrado com tanto descompromisso com a ética, com a decência, com os valores cristãos, a vida pública não é pra ser exercida dessa forma.

Na sequência, após um embate direto com Luciana Genro, Aécio Neves volta a utilizar a mesma estratégia, quando lhe concedem um direito de resposta.

O embate se inicia quando Neves indaga Genro a respeito de seu projeto em relação à educação, mas a candidata prefere recorrer a uma estratégia de desqualificação de seu adversário (01h49min20s a 01h54min05s). Ela inicia sua fala declarando que o candidato critica o PT como se nos governos do PSDB não houvesse corrupção e segue afirmando que o PSDB foi o precursor do “mensalão” a partir da figura de Eduardo Azeredo, e que o PT deu continuidade a uma prática implantada durante o governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Luciana Genro cita ainda o escândalo da compra de votos para reeleição de Fernando Henrique Cardoso, lembrando que o fato foi “amplamente divulgado pela mídia” e também cita a corrupção no processo de privatização





das empresas públicas, que ficou conhecido, mais tarde, como “Privataria tucana”. A candidata afirma também que as empresas do escândalo da Petrobrás são as mesmas que financiam a campanha de Aécio Neves, Dilma Rousseff e Marina Silva, acrescentando que foram elas que realizaram obras superfaturadas para a realização da Copa do Mundo, incluindo uma que chegou a desabar em Belo Horizonte. A postulante conclui sua fala afirmando que Aécio Neves tem amigos nessas empreiteiras e que é um dos políticos que mantêm vínculo com “os segmentos mais parasitários da política nacional”.

Em sua réplica, Neves responde ironicamente que gostaria de fazer uma saudação ao retorno da candidata às suas origens, atuando como “linha auxiliar do PT”. O candidato lamenta que ela não tenha apresentado nenhuma proposta para a melhoria da educação no Brasil e passa a falar de suas próprias propostas.

Em sua tréplica, Genro responde ao candidato: “com todo respeito, linha auxiliar do PT uma ova!” e torna a repetir as mesmas acusações, acrescentando a de que Aécio Neves utilizou dinheiro público para construir um aeroporto próximo às fazendas de sua família.<sup>1</sup>

Em seguida, somos informados pelo mediador que Aécio Neves solicitou o direito de resposta. Quando esse se lhe é concedido, Neves utiliza seu tempo para voltar a utilizar a estratégia de identificação com o público católico ao dizer que se orgulha de sua “formação cristã, católica”, citando o fato de ter como padrinho o cardeal Moreira Neves e ignorando as denúncias feitas por Luciana Genro, as quais apenas classifica como “irrelevantes, irresponsáveis e levianas” (01h55min45s a 01h56min48s): “[...] eu me

orgulho muito do que fiz ao longo da minha vida, das minhas tradições, da minha formação cristã, católica, nas ruas da minha São João Del Rey sob as bênçãos do cardeal Moreira Neves, meu padrinho”.

Já durante as considerações finais, no quinto bloco, quatro dos oito candidatos presentes tornam a fazer uso do discurso religioso.

Eymael utiliza pela última vez a estratégia de se colocar como porta-voz da democracia cristã ao relatar um episódio que teria ocorrido durante a Assembleia Nacional Constituinte. Ele também reforça seu *ethos* de católico ao citar brevemente duas passagens bíblicas e se colocar como defensor da utilização do “nome de Deus” no preâmbulo da Constituição brasileira (01h58min10s a 01h59min04s):

[...] Quero, em homenagem à religiosidade do povo brasileiro, lembrar uma passagem da Assembleia Nacional Constituinte. Em um determinado momento, um pequeno grupo quis tirar Deus do preâmbulo da Constituição e foi a democracia cristã, através da minha voz, que se ergueu para derrotá-los. Disse àqueles quase 600 constituintes: que pretensiosos seremos nós se quisermos abdicar das próprias promessas do Cristo quando nos disse “quando dois ou mais se reúnem em meu nome eu ali estarei”. Ou quando nos diz: “pedi e receberéis”. E o nome de Deus permaneceu no preâmbulo da Constituição brasileira, abençoando e iluminando as famílias brasileiras.

Eduardo Jorge, por sua vez, reitera sua estratégia de sempre citar personalidades católicas, mencionando os papas Leão XIII, João XXIII e Francisco e também o bispo Dom Raimundo Damasceno (02h04min05s a 02h04min25s):

<sup>1</sup> Não apresentamos a transcrição desses trechos uma vez que foram citados aqui apenas para contextualizar o direito de resposta do candidato Aécio Neves, no qual ele

faz uso de um discurso religioso e que, portanto, é o que interessa para nossa análise.



[...] Eu agradeço a essa comunidade da Igreja Católica que tem dado ao mundo personalidades como Leão XIII, João XXIII e o papa Francisco. Me portei aqui como pedi dom Raimundo Damasceno, com clareza, com transparência e com verdade. Não me escondi em nenhum momento.

Levy Fidelix, durante suas considerações finais, torna a sugerir uma analogia entre ele e a figura de Jesus Cristo ao dizer que Jesus não estava com os mais ricos, mas com os mais pobres, assim como o candidato (02h09min08s a 02h10min12s):

[...] Queria lembrar a todos que se vocês estão de acordo com a grande mídia, com as empreiteiras, com todas essas empresas, bancos corruptos que estão por aí, vote nos mesmos. Continue ano que vem, nas próximas eleições de 2018, vão continuar reclamando, reclamando dos altos impostos, reclamando que falta saúde e educação, faltará também habitação, faltará de tudo porque a nossa mesmice vai continuar uma vez mais acreditando na falácia das grandes corporações. Jesus Cristo (apontando para cima) disse lá atrás, ele não estava nem com o Cesar nem com os fariseus (sic), mas sim com o povo pobre, escolheu pescadores humildes e eu estou aqui para dizer aos senhores: eu sou exatamente aquele candidato que pretende colocar o dedo na ferida, que pretende colocar em todos os meus debates que o povo sofre e não tem saída.

Já o Pastor Everaldo faz menções a bandeiras defendidas pela igreja católica e por outras correntes do Cristianismo, dizendo-se contrário à legalização do aborto, à legalização das drogas e a favor da família tal como está na Constituição, além de citar o nome do Deus cristão ao fim de sua fala (02h07min32s a 02h08min52s):

[...] Reafirmo aqui o meu compromisso em defesa da vida do ser humano desde a sua concepção. Sou contra o aborto, sou contra a legalização das drogas, sou contra ou a favor

(sic) da família como está na Constituição brasileira [...]. Deus abençoe a você, Deus abençoe a sua família, Deus abençoe o nosso querido Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por objetivo específico identificar o discurso religioso como estratégia discursiva ao longo de um debate político eleitoral. Em nosso trabalho, foi feito um breve percurso histórico acerca da relação entre a retórica, a política e o discurso religioso, a fim de uma maior compreensão dos temas que foram objeto de estudo. Através desse percurso, foi possível constatar a presença das raízes retóricas na formulação e na propagação do discurso religioso cristão.

Partindo desse pressuposto, não é surpresa a utilização dos meios persuasivos, até os dias de hoje, em temas que digam respeito a questões religiosas e à utilização do próprio discurso religioso como estratégia persuasiva.

Identificamos, assim, a utilização do discurso religioso como estratégia discursiva por parte de seis dos oito candidatos presentes no debate. Enquanto Aécio Neves, Eymael e Levy Fidelix se utilizaram do que chamamos de ethos de católico; Eduardo Jorge, Luciana Genro e Pastor Everaldo buscaram uma identificação com o público católico demonstrando alguma proximidade com personalidades católicas, recurso também utilizado pelos três candidatos citados anteriormente.

Obviamente não temos a pretensão de identificar todas as estratégias discursivas ou esgotar a análise retórico-argumentativa acerca desse debate, uma vez que realizamos a análise sob a perspectiva da utilização do discurso religioso em meio ao discurso político e várias outras perspectivas e pontos de vista acerca das estratégias discursivas ainda podem vir a ser adotados.



## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Biblioteca de Autores Clássicos, 2005.
- CHAPP, B. C. **Religious rhetoric and American politics: the endurance of civil religion in electoral campaigns**. Cornell: Cornell University Press, 2012.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- FUNARI, P.P.; GRILLO, J. G. Política, retórica e religião na Grécia antiga in: SOUZA, J. R. A.; SILVA, J. L. P. (Orgs.). **Educação, política e religião no mundo antigo**. Teresina: EDUFPI, 2012, p.61-88.
- GONZÁLEZ, J. L. **Uma história ilustrada do cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 2002.
- REBOUL, O. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- TV APARECIDA. **Debate político eleitoral presidencial**. Aparecida do Norte [2014]. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=Kqvp23LYFsQ>. Acesso em: 28 fev. 2019.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

FONSECA, E. O discurso religioso como estratégia discursiva em um debate político. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana/MS, n. 4, p. 4-14, 2017.





## UM ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DA PALAVRA VESGO NAS LÍNGUAS GUARANI – CASTELHANO – PORTUGUÊS

Diana Pacheco de Souza

*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*

Lilian Paredes Moreno

*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*

### RESUMO

Graças à riqueza e dinamismo das línguas, elas podem mudar de significado segundo o seu contexto e assim ampliar as possibilidades comunicativas dos seus falantes. Falar de léxico, hoje em dia, é adentrar em um universo de possibilidades infinitas, mas que com estudos específicos é possível mapear a variabilidade e medir sua produtividade. Neste artigo, pretende-se fazer um estudo do léxico como objeto de investigação para uma análise sociodialetoal do item lexical Vesgo ou / "ohecha mokõiva/ persona que tiene ojos torcidos", que faz parte do Questionário Semântico-Lexical do Atlas Linguístico Guarani Românico (ALGR). Trata-se de uma abordagem descritiva bibliográfica em função de uma metodologia pluridimensional do próprio Atlas, que tem por objetivo a elaboração de um estudo semântico lexical do termo mencionado com a análise de 6 cartas linguísticas, para visualização da variação diagenacional, diastrática e diagenérica do item analisado. O estudo foi feito sobre as denominações apresentadas nos idiomas guarani, castelhano e português, para determinar as características de cada item lexical, graças ao contato entre línguas de três países vizinhos: Paraguai, Argentina e Brasil. A análise dos dados visa determinar e classificar se as diferentes denominações podem ser consideradas tabus linguísticos, posto que tentamos entender a visão de mundo que esses falantes têm com o uso de cada código independentemente.

**Palavras-chave:** Dialetoлогия. Atlas linguístico. Descrição. Léxico.

### RESUMEN

Gracias a la riqueza y al dinamismo de las lenguas, ellas pueden cambiar de significado según su contexto y así ampliar las posibilidades comunicativas de sus hablantes. Hablar del léxico hoy en día, es adentrarse a un universo de posibilidades infinitas, pero que con estudios específicos es posible mapear la variabilidad y medir su productividad. En este artículo, se pretende hacer un estudio del léxico como objeto de estudio para un análisis sociodialetoal del léxico Vesgo o / "ohecha mokõiva / persona que tiene ojos torcidos", que forma parte del Cuestionario Semántico-Lexical, del Atlas Lingüístico Guarani Românico (ALGR). Se trata de un abordaje descriptivo bibliográfico en función de una metodología pluridimensional del propio Atlas, y que tiene por objetivo la elaboración de un estudio semántico -léxico del término mencionado, con el análisis de 6 cartas, para la visualización de la variación diagenacional, diastrática y diasexual, del término analizado. El estudio se realizó en denominaciones presentadas en los idiomas guaraní, español y portugués, para determinar las características en el significado de cada elemento, gracias al contacto entre lenguas de tres países vecinos, el Paraguay, la Argentina y Brasil. El resultado del trabajo apunta a determinar y clasificar si las diferentes denominaciones pudieran considerarse tabúes lingüísticos; puesto que tratamos de entender la visión de mundo que estos hablantes tienen con el uso de cada código independentemente.

**Palabras clave:** Dialetoлогия. Atlas linguístico. Descripción. Léxico.



**Diana Pacheco de Souza** é mestranda no Programa de Pós-Graduação de Estudos de Linguagem.

E-mail: profdianasouza@gmail.com

**Lilian Paredes Moreno** é mestranda no Programa de Pós-Graduação de Estudos de Linguagem.

E-mail: paredesmorenolily@gmail.com

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Já no início do século XIX, Saussure descrevia a arbitrariedade do signo linguístico, tentando nada mais que nomear uma característica muito comum das línguas pelo fato de elas serem flexíveis, maleáveis e adaptáveis ao contexto e a seus falantes, gerando diversas denominações para um só objeto. Essa variabilidade não só acontece entre línguas pertencentes a distintas famílias linguísticas, mas também pode acontecer dentro de uma mesma língua histórica na qual podem existir variantes ou denominações que enriquecem a linguagem.

Essa riqueza lexical, seja de uma língua ou de várias línguas, nem sempre converge entre seus significados e seus falantes. Muitas vezes, os dialetos determinam um lugar ou pertencem a uma determinada zona geográfica, fazendo com que denominações de certos objetos recebam nomeações e significados variáveis de um grupo de falantes para outro, a depender do espaço geográfico em que eles habitam. Outros fatores também podem condicionar distintos usos linguísticos, tais como a idade do falante, o sexo, a escolaridade, dentre outros. Da mesma maneira, interpretam Isquerdo e Nunes (2012, p. 219) quando afirmam que “[...] na tenção entre língua, sociedade e cultura, é gerado o léxico, nível linguístico que melhor retrata aspecto da realidade dos falantes de uma língua, visto que é a partir dele que os indivíduos nomeiam os seres e objetos que estão ao seu redor”.

Com este artigo, fruto de finalização de disciplina, pretende-se estabelecer um estudo de caráter semântico-lexical da palavra “vesgo”, procurando entender as diversas denominações que se ocupam em três línguas: duas pertencentes à uma mesma família linguística, o Latim (Castelhano e Português), e uma que pertence à família Tupi-guarani (Guarani Yopará).

O estudo em questão também tem como objetivo classificar as diferentes denominações que possam ser consideradas tabus linguísticos, por remeterem ou a superstições ou a outras crenças sociais. Considerando-se, pois, que certas escolhas lexicais dos falantes demonstram características de um código em uso, o estoque vocabular pode mostrar as percepções de mundo desses falantes, como também a orientação religiosa, seus hábitos culturais e suas crenças, e quaisquer deles causadores de tabus linguísticos, ou, como Isquerdo define:

Podemos dizer que uma palavra se torna tabu quando, em um determinado grupo de falantes, é relacionada a credices e a superstições e, por isso, evitada para não provocar constrangimentos, maus presságios, daí a utilização de recurso das substituições, sobretudo, de diferentes figuras de linguagem, dentre as quais o eufemismo e a metonímia (ISQUERDO; NUNES, 2012, p. 220).

Por sua vez, Guérios (1979, p. 11) classifica os tabus linguísticos em próprios e impróprios: o primeiro refere-se à proibição de dizer certo nome ou certa palavra, aos quais se atribui poder sobrenatural e cuja infração causa infelicidade ou desgraça, é mágico-religioso ou de crença. O segundo tipo refere-se à proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira, é, portanto, moral ou de sentimento.

É com base nesta última definição de Guérios (1979) que buscaremos quais denominações podem ser consideradas tabus linguísticos, referentes à palavra “vesgo” nas



três línguas em análise, assim como investigar se alguma dessas denominações se refere a qualquer expressão grosseira ou que carregue conotação pejorativa.

## 1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA ZONA GUARANÍTICA

Toma-se como base para coleta de dados deste trabalho e, conseqüente, análise, o Atlas Linguístico Guaraní Românico (ALGR) de Harald Thun, em parceria com Wolf Dietrich e Almidio Aquino, publicado em 2009 e que é o segundo da “trilogia rio-platense”, da qual também fazem parte o ADDU (Atlas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay) e o ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch) (ALTENHOFEN, 2017, p. 02).

Esse Atlas nasce com o objetivo de documentar o bilinguismo guarani-castelhano que existe no Paraguai e em algumas regiões da Argentina, assim como também o bilinguismo guarani-castelhano-português em algumas regiões do Brasil. O ALGR é o primeiro atlas linguístico baseado em uma língua de origem ameríndia e coloca o guarani como centro de estudo pelo seu intenso contato linguístico, caracterizado como “o guarani românico”, como postula-se no título do atlas.

O interesse pelo guarani foi devido à situação linguística e cultural do Paraguai, que é particular e única na América latina, fato que se origina em dois momentos, segundo os autores. No primeiro momento, é caracterizado pela pouca influência dos colonos espanhóis e europeus, o que ajudou a conservar o guarani entre os indígenas. O segundo momento acontece graças às “reduções jesuíticas”, que contribuíam também para a conservação do guarani, que era a única língua usada nas reduções.

Depois da expulsão dos jesuítas pelos colonos, os indígenas começaram a se dispersar e a se estabelecerem em distintos

lugares. Ainda hoje, alguns desses estabelecimentos encontram-se no Paraguai, em algumas regiões do Brasil e em parte de Misiones, província argentina. Esses lugares foram alvos da coleta de dados do ALGR, precisamente porque, hoje em dia, a língua guarani falada pelos indígenas que se assentaram na margem do Rio Paraná, seja no Paraguai, no Brasil ou na província da Argentina, não se difere muito.

Essa situação de contato linguístico entre as três línguas faz com que surjam dialetos e denominações para certos termos em guarani, que podem variar dependendo de com quais línguas está convivendo. Além disso, esse contato pode levar a empréstimos linguísticos, ou seja, denominações vindas de uma língua estrangeira a qual nos apropriamos. Este, porém, trata-se de um assunto para outro artigo.

## 2 OBJETIVOS E METODOLOGIA

Este trabalho discute uma pequena parte dos resultados de pesquisa desenvolvida por Thun, Dietrich e Aquino para a elaboração do ALGR. Em termos da natureza dos dados e dos objetivos, o ALGR pertence à categoria dos atlas sociolinguísticos, ou seja, integra também a categoria de atlas de sociologia das línguas, conforme expresso na introdução do próprio atlas.

O ALGR, segundo se tem conhecimento, “é o primeiro do gênero, na história da linguística e da sociolinguística, que se ocupa com uma língua de origem indígena” (ALTENHOFEN, 2017, p. 2). Além disso, leva-se em conta “a amplitude da área em estudo (transnacional), a inclusão de diferentes dimensões sociais sobre a base diatópica, ou seja, seu caráter pluridimensional, a consideração dos contatos linguísticos e das percepções dos fatos linguísticos pelos falantes (dimensões dialingual, e diarreferencial)” (ALTENHOFEN, 2017); a consideração da topo dinâmica da



variação linguística (das línguas em movimento no espaço, isto é, das migrações); enfim, o tratamento interdisciplinar, por força de tudo isso.

Nesse sentido, para a elaboração do Atlas, os pesquisadores se apoiaram em duas metodologias: a tradicional, que consiste em um enfoque mais teórico, deixando de lado a realidade linguística da época e da região onde foram feitas as entrevistas. O foco, a partir dessa metodologia, é apenas o saber linguístico de alguns falantes anciãos habitantes das áreas rurais, pois se considerava que estes eram os que supostamente conservavam as formas fônicas e léxicas mais antigas da sua região (AQUINO; THUN; DIETRICH, 2009, p. III-IV).

Por sua vez, com a metodologia pluridimensional, tem-se uma missão de alcance mais ampla, buscando registrar a variação linguística nas regiões do Rio La Plata, que hoje em dia ocupa a maior parte do Paraguai moderno, e também as que se limitam com o Brasil e com a Argentina, porque se busca verificar o bilinguismo Guaranicastelhano e o bilinguismo Guaraniportuguês. Com a Geolinguística moderna, incorporam-se ainda os avanços da Sociolinguística, que procura documentar uma realidade linguística mais completa incluindo todos os tipos de falantes de todas as gerações, homens e mulheres de todos os níveis socioculturais, incluindo os migrantes.

Como a elaboração do atlas foi direcionada pela língua guarani, todas as entrevistas foram feitas nessa língua e, conseqüentemente, foram entrevistados apenas aqueles que a dominavam. Com um total de 400 perguntas básicas, muitas com subcategorias e variantes semânticas em guarani, castelhano e português, o questionário segue a metodologia de sugestão sistemática, ou seja, após as tentativas de respostas espontâneas não serem certas, são sugeridas aos informantes outras

formas registradas em outras localidades para que comentem, confirmem ou neguem.

Dentro do ALGR existem cinco tipos de mapas, mas, segundo a natureza da nossa pergunta, só se abrangem três deles, os mapas que fazem referência à pergunta em questão: fenotípicos, que “simplificam radicalmente a realidade linguística de um lugar pela redução dos quatro grupos de informantes a um só” (AQUINO; THUN; DIETRICH, 2009, p. XIII); com este tipo de mapa se valoriza, pelo menos, um informante que conhece o lexema x. (● para a presença do fenótipo em questão, ○ para sua ausência); mapas de co-ocorrência seletiva, que opõem uso, preferência ou significado de lexemas mais ou menos sinônimos. E por último está o mapa de co-ocorrência total, que permite uma visão global de quatro lexemas ou tipos de lexemas, indicando todas as combinações possíveis de respostas positivas.

Diante da metodologia do objeto de estudo deste trabalho, abordaremos uma metodologia descritiva bibliográfica, pela qual analisaremos o mapa 22 da pergunta 26: *ohecha mokõiva/ persona que tiene ojos torcidos*. Com um total de 9 mapas, a seqüência da leitura será, primeiramente, dos termos em guarani, em segundo lugar, dos termos em castelhano e por último, em português. Neles se encontram variantes como *bizco*, *sakarẽ bisojo*, *hesavã*, entre outras. O objetivo é analisar as unidades lexicais para tal pergunta nas línguas guarani, castelhano e português, verificando se as denominações trazem traços de tabus linguísticos, ao passo que observamos a forma de uso de cada variante, dependendo da região em que se encontra.

### 3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

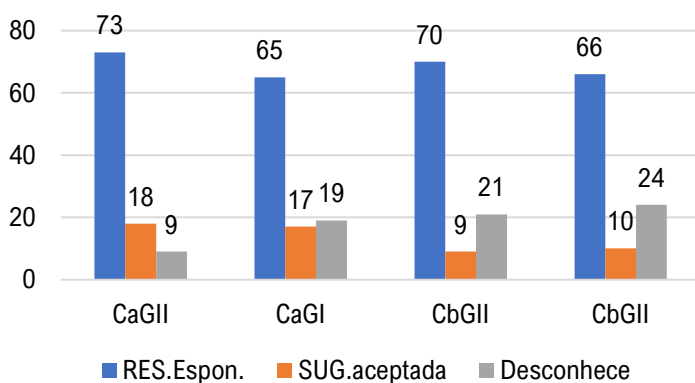
Segundo o mapa 22.1 (ver anexos) das respostas fornecidas para a pergunta 26 do questionário do ALGR, *Ohecha*



*mokõiva/persona que tiene ojos torcidos*<sup>1</sup>, a denominação com maior recorrência foi o termo *hesavã* (*vizco*), cuja produtividade e repostas espontâneas (●) foi maior no território paraguaio, com 73%, tanto na classe sociocultural alta quanto na classe baixa, entre os jovens e a geração de anciãos. Porém, observa-se ausência de respostas de 24% (○) em grande parte de Corrientes, do Chaco e do Brasil. Isso, segundo os pesquisadores, talvez se deva ao fato de que a palavra em questão foi pouco difundida nesses lugares (AQUINO; THUN; DIETRICH, 2009, p. VI), o que podemos ver no gráfico 1:

Gráfico 1

Distribuição dos grupos estandar



Fonte: Dados o ALGR – adaptação e elaboração das autoras.

No mapa 22.2, de co-ocorrência seletiva, há um estudo de outras possibilidades de termos em guarani, além da palavra *hesavã*, vista no mapa citado anteriormente. Essas denominações são: *visko* – *sakarẽ* – *hesavi* – *hesavã*. Segundo as análises feitas pelos próprios autores do atlas, “[...] para muitos informantes *Visko* é palavra guarani, e para outros também é termo castelhano” (AQUINO; THUN; DIETRICH, 2009, p. 152), o que nos faz

compreender a interferência entre uma língua e outra, produto do contato linguístico.

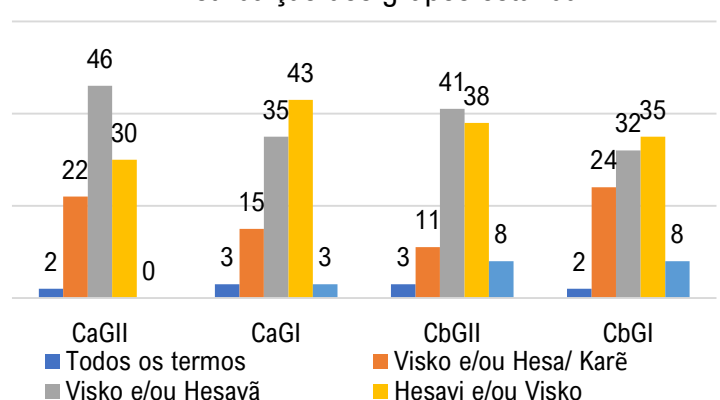
Além disso, há outros termos tradicionais em guarani que são menos usuais, como por exemplo *hesa karẽ*, *sakarẽ*. Estas são palavras pouco frequentes no centro do Paraguai e muito usuais em Corrientes, Chaco e Formosa, assim também como se pode achar em partes do Mato Grosso do Sul, regiões fronteiriças com o Paraguai, como podemos ver pelas frequências no gráfico 2 (parte inferior direita desta página).

Partindo para o conjunto de mapas fenotípicos, denominados 22.3a, 22.3b, 22.3c e 22.3d, analisaremos a ocorrência das denominações em guarani nas três regiões. No mapa 22.3a observa-se a palavra *hesavã* com uma ocorrência total de 77%, cuja maior parte encontra-se no Paraguai e em alguns lugares de Corrientes (Argentina) e muito pouco no Brasil.

O segundo mapa fenotípico, 22.3b, detalha a ocorrência da palavra *hesakarẽ*, 33%. O termo é pouco conhecido na região do Paraguai e geralmente presente nos pontos indígenas. Porém, na região de fronteira entre

Gráfico 2

Distribuição dos grupos estandar



Fonte: Dados o ALGR – adaptação e elaboração das autoras.

<sup>1</sup> “Pessoa que tem os olhos tortos” (Tradução das autoras).





o Paraguai e o Brasil se torna mais reconhecido.

O mapa seguinte, o 22.3c, mostra a ocorrência da palavra *vísko*, com um total de 88% dos dados obtidos de 75 lugares. Tal denominação é a mais conhecida nas três regiões segundo os próprios pesquisadores, talvez porque o termo tem bastante influência do hispanismo, apesar de que para alguns informantes a lexia conhecida em guarani é *vísko*, desconhecendo a origem histórica real da palavra. Por outro lado, “este termo é rejeitado particularmente pelos informantes indígenas” (AQUINO; THUN; DIETRICH, 2009, p. 156).

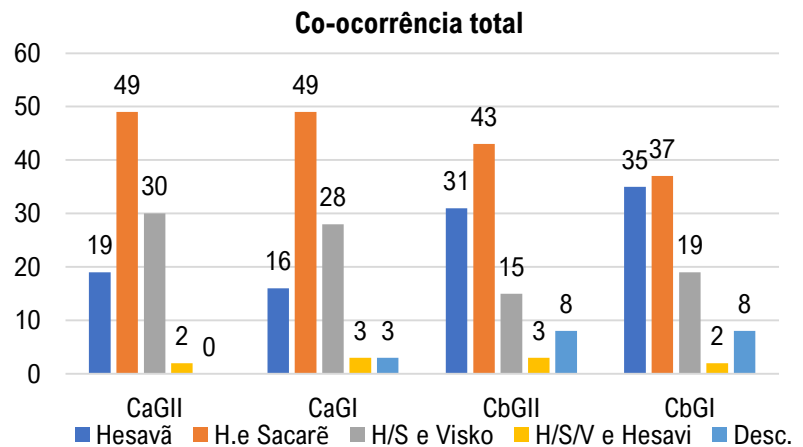
Por fim, no mapa 22.3d observa-se uma ocorrência de 69% da palavra *hesavi*, tornando-se a segunda denominação mais frequente depois de *vísko* nas regiões do Paraguai, parte fronteira da Argentina e do Brasil. O termo *hesavi* é aceitado pela maioria dos grupos e pela maioria dos indígenas, uma vez que o que se vê é uma ausência de 31% apenas: “[...] se rejeita em partes de Corrientes, do Chaco, de Misiones e fronteira do Brasil” (AQUINO; THUN; DIETRICH, 2009, p. 157).

Fechando o estudo dos termos em guarani, com o mapa 22.4 de co-ocorrência total, observamos que se mostra a incidência das quatro denominações, tomando em conta as classes sócio cultural alta (Ca) e baixa (Cb) dos grupos de informantes mais velhos (GII) e dos jovens (GI). Apareceram com maior recorrência as denominações *hesavã* e *sakarẽ*, com um total de 49% na CaGII. Ademais, apenas 2% dos participantes conhecem as quatro palavras.

Segundo os dados fornecidos, os informantes CaGII e CbGII reconhecem mais as palavras *hesavã* e *sakarẽ*, totalizando 49% de ocorrências na Ca e 43% na Cb. Assim também ocorre com os informantes mais jovens, com 49% na Ca e 37% na Cb. Podemos perceber, pois, que o conhecimento dos quatro termos

em conjunto por cada informante é de 2% a 3%. Vejamos o gráfico 3.

Gráfico 3 - Mapa 22.4 de co-ocorrência total



Fonte: Dados o ALGR – adaptação e elaboração das autoras.

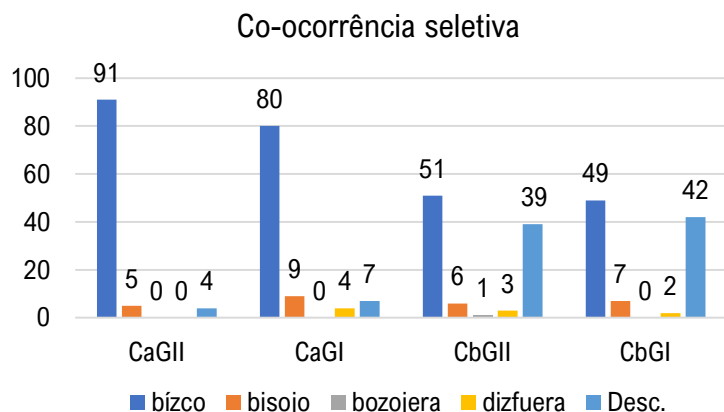
O mapa 22.5 introduz a análise de dados obtidos sobre a recorrência dos termos em castelhano e se inicia com o mapa de co-ocorrência seletiva, em que os dados recolhidos mostraram que os termos mais falados foram: *bízco*, *bisojo*, *bosojera* e *dizfuera*. Porém, observou-se maior reconhecimento da lexia *bízco* nos grupos CaGI e CaGII, com uma porcentagem entre 80% e 91%. Por outro lado, as porcentagens da classe baixa, Cb, está mais dividida entre 51% dos informantes CbGII, que reconhecem a denominação *bízco* e 39% que desconhecem o termo. Já entre os informantes CbGI, 49% sabem a denominação citada e 42% não informaram nada. Vejamos o gráfico 4 (canto superior esquerdo da próxima página).

### 3.1 Mapa 22.6 de co-ocorrência total (castelhano)

O mapa 22.6, de co-ocorrência total, mostra as 4 denominações mais frequentes em relação ao conhecimento do termo em castelhano. A análise dos dados converge para a palavra *bízco*, com 90% de resposta afirmativa à questão, isso no grupo CaGII, com 84% de



Gráfico 4 - Mapa de co-ocorrência seletiva (castelhano)



Fonte: Dados o ALGR – adaptação e elaboração das autoras.

ocorrências. No grupo CaGI, houve menor incidência para os termos *bízco* e *bisojo*, com uma porcentagem de 5% a 9% entre os grupos mencionados. Por outro lado, nos grupos da Cb, as respostas fornecidas referentes ao termo *bízco* estão mais equilibradas com relação às desconhecidas. Os grupos CbGII, 48%, e CbGI, com 51%, concordaram que conhecem o termo *bízco* e mostraram também uma ausência de respostas entre 40% a 42% em ambos os grupos. Vejamos o gráfico 5

### 3.2 Mapas 22.7: denominações em português

A palavra *vesgo* tem marcante frequência nas respostas dadas pelos informantes e cartografadas no Atlas. Em Ponta Porã, os jovens de classe baixa a responderam espontaneamente. Porém, jovens e anciãos de classe alta e anciãos de classe baixa só a responderam com sugestão. Em Caarapó, os jovens de ambas as classes conhecem e usam mais essa denominação, já os anciãos a desconhecem. Em Amambai, todos os informantes apenas lembraram do termo após sugestão dada pelos entrevistadores. Dourados e Campo Grande abrigam informantes de classe baixa que desconhecem esse termo, mas os participantes de classe alta fazem uso dele.

Outra denominação estudada pelos pesquisadores é *estrábico*, pouco conhecida nas cinco cidades brasileiras de Mato Grosso do Sul. Em Ponta Porã, Caarapó, Dourados e Campo Grande, os informantes de classe baixa desconhecem tal denominação. Em Amambai, por outro lado, apenas os informantes de classe alta a desconhecem. Outra sugestão de denominação é *zarolho*, porém pouco conhecida nas cidades de Caarapó e Amambai, sendo que os anciãos de classe baixa a desconhecem. Situação diferente ocorre em Ponta Porã, Dourados e Campo Grande, posto que a denominação *zarolho* faz parte do vocabulário dos informantes de classe baixa. Os de classe alta, por sua vez, não a responderam espontaneamente, apenas após sugestão.

### 4 É TABU LINGUÍSTICO?

Finalmente, considerando um dos objetivos deste artigo, a análise das denominações de cada língua na perspectiva da manifestação de tabus linguísticos, passamos a tecer algumas considerações sobre o tema. Para essa análise, tomamos como base a teoria de Guérios (apud ISQUERDO; NUNES, 2012) segundo sua tipologia dos meios de substituição.

De acordo com as autoras, os tabus linguísticos são classificados como disfêmicos, aquelas palavras de caráter hostil ou com conotação pejorativa que contrariam as palavras eufêmicas, que expressam sutileza. Porém, observamos palavras classificadas como hipocorísticas, unidades lexicais utilizadas para suavizar a conotação expressa na variante. Finalmente, estão as palavras classificadas como expressões genéricas, as quais não evidenciam nem carga semântica positiva nem carga semântica negativa.

A classificação das denominações tabuísticas para nomear a pessoa que tem os olhos tortos/*ohecha mokõiva*, segundo a





tipologia dos meios de substituição de Guérios (1979), pode assim ser descrita:

Hipocorístico	Disfemismo	Expressão genérica	Metáfora
<i>hesavã/hesavi</i>	<i>hesa karẽ/ sacarẽ</i>	<i>visko/bízco /vesgo</i>	-
	<i>zarolho</i>	<i>estrábico</i>	-

Observamos que a palavra *bízco*, em castelhano, provém do étimo latino<sup>2</sup> *versicus*, derivado de *versus*, “tornar”, gerando consequentemente influência nos termos *vesgo* do português, pela sua relação com o latim, e em *visko*, do guarani, pela herança linguística adquirida pelos colonos europeus. Estes três termos, juntamente com *estrábico*, foram classificados como expressões genéricas, por não evidenciarem nem carga semântica positiva (hipocorístico) nem negativa (disfemismo).

Já os termos léxicos *hesa karẽ*, *sakarẽ* e *zarolho* foram considerados disfemismos por serem expressões de caráter hostil, que provocam constrangimento na pessoa que recebe esse tipo de adjetivo à medida que, nesse contexto, *karẽ* tem conotação pejorativa em guarani, assim como *zarolho* em português. Apenas as unidades lexicais *hesavi/hesavã* foram classificadas como hipocorístico, ou seja, uma forma de suavizar a conotação expressa na variante *hesa karẽ* ou *sakarẽ*, pois a substituição pela variante *hesavi*, (a terminação *avi*) neutraliza a noção de *karẽ* (tordo, desviado, defeituoso).

Desse modo, podemos estabelecer a manifestação de tabus linguísticos nas nomações que se usam para a *pessoa que tem os olhos tortos/ohecha mokõiva* nas línguas, guarani, castelhano e português. Podemos destacar ainda uma questão

semântica e lexical, pela qual as palavras carregam conotações pejorativas ou não.

Olhando para as influências de uma língua em outra e para a proximidade em que essas línguas se encontram, notam-se semelhanças semânticas e léxicas partindo do estudo de Guérios (1979). Fica aqui uma sugestão para seguir outros caminhos de outros autores, como a questão sociocultural de cada região.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois primeiros mapas, 22.1 e 22.2, mostraram a ocorrência das denominações em guarani com base nas classes socioculturais e na idade dos informantes. Notamos a maior recorrência da palavra *hesavã* e *sakarẽ* no território paraguaio, além da palavra *visko*, também muito conhecida nas três regiões (Brasil, Argentina e Paraguai). Pelos mapas fenotípicos, teve-se uma visão geral da ocorrência dessas denominações em guarani, observando-se uma tendência maior das palavras em guarani nas regiões fronteiriças com o Paraguai e o Brasil, mais especificamente no Paraguai.

A palavra *bízco*, em castelhano, foi encontrada com maior ocorrência nas falas dos informantes de classe alta, tanto jovens como anciãos. O mesmo ocorre com *vesgo* e *estrábico* em português, mais recorrentes nos informantes de classe alta. Essa observação chama atenção para quais formas foram tidas como tabus linguísticos. *Vesgo*, *estrábico*, *bízco* e *visko*, das respectivas línguas português, castelhano e guarani, foram consideradas expressões genéricas, ou seja, não exprimem conotação pejorativa. A palavra que exprime um tabu, *zarolho*, por seu turno, é mais recorrente nos informantes de classe baixa.

<sup>2</sup> A palavra *bízco* provém do latim *versicus*, derivado de *versus* 'vuelto'. A definição de *bízco* no dicionário castelhano é *estrábico*. Outro significado de *bízco* no

dicionário é também dito de alguns membros e de outras coisas torcidas (<https://educalingo.com/pt/dic-es/bizco>).



Desse modo, o presente trabalho nos levou a refletir sobre as semelhanças entre as línguas. Aquelas denominações que apareciam mais recorrentes poderiam ser consideradas muito comuns sem conotação pejorativa. *Bizco* e *vesgo* são palavras muito parecidas na escrita, em parceria com *visko*, derivado do latim, e, conseqüentemente, podem designar a mesma expressão. É interessante notar que a classe baixa e a classe alta reconhecem esses termos, portanto se pode observar sua proliferação entre a sociedade por meio do contato linguístico.

*Hesavi*, na língua guarani, é a denominação substituta que ameniza a conotação expressa em nomes tabuísticos e foi a menos conhecida por todos os informantes de todas as classes, o que requer um estudo das classes socioculturais baseadas na escolaridade. Provavelmente, mostra-se como uma denominação pouco falada, e por esse motivo poucas pessoas a conhecem, haja vista não haver contato linguístico com *hesavi*.

Assim, é possível ter um melhor entendimento sobre a propagação das denominações tendo em vista sua região, classe sociocultural e idade, abrindo-se um espaço para uma pesquisa mais aprofundada.

## REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Wilson. **Plurilinguismo na escola e na sociedade em uma perspectiva macrolinguística**. Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, linha de pesquisa de Sociolinguística, RS, 2017.

AQUINO, Almidio THUN, Harald; DIETRICH, Wolf (Orgs): **Atlas Linguístico Guarani Românico (ALGR)**. Tomo I. Kiel: Westensee, 2009.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Tabus Linguísticos**. 2ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

ISQUERDO, Aparecida Negri; NUNES, Juliany. Tabus linguísticos: um estudo no léxico do corpo

humano. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana; PAIM, Marcela (Orgs.). **Documentos 3: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: Vento Leste, 2012, p. 219-230.

### Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SOUZA, D. P.; MORENO, L. P. Um estudo semântico-lexical da palavra vesgo nas línguas guarani – castelhano – português. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana/MS, n. 4, p. 15-23, 2017.



## AS MARCAS DA EXCLUSÃO: PODER E RESISTÊNCIA NO DISCURSO DOS ALUNOS DO INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, CAMPUS AQUIDAUANA

Daniele Lucena Santos

*Instituto Federal de Mato Grosso do Sul*

Juvenal Brito Cezarino Junior

*Instituto Federal de Mato Grosso do Sul*

### RESUMO

Nos últimos anos, constatamos que a escola tem vivido inúmeras crises e que uma delas é o alto índice de problemas relacionados à socialização dos alunos, em especial no que se refere à atualização de práticas discursivas que excluem e estereotipam os sujeitos. Diante desse cenário, nosso trabalho tem o objetivo de identificar as marcas de exclusão que se presentificam no discurso dos alunos do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IF), *campus* de Aquidauana, e analisar como o sujeito pode ser um agenciador de modos de violência simbólica, atualizando práticas discursivas excludentes. Por meio do método arqueogenealógico de Foucault (2008) e a partir arcabouço teórico da Análise do Discurso de origem francesa (AD), traçando um viés com os Estudos Culturalistas, observamos, portanto, que os sentidos e os discursos de exclusão e de normatização do sujeito não são inéditos, ou seja, no fio histórico são apenas (re)atualizados na sociedade.

**Palavras-chave:** Exclusão. Resistência. Análise do Discurso.

### ABSTRACT

In the last years, we have verified that the school has experienced numerous crises and that one of them is the high index of problems related to the socialization of the students, especially with regard to the updating of discursive practices that exclude and stereotype the subjects. In view of this scenario, our work aims to identify the exclusion marks that are present in the discourse of the students of the Federal Institute of Mato Grosso do Sul (IF), Aquidauana campus, and analyze how the subject can be an agent of modes of symbolic violence, updating exclusive discursive practices. Through the archaeological method of Foucault (2008) and the theoretical framework of Discourse Analysis of French origin (AD), drawing a bias with Culturalist Studies, we observed, therefore, that the meanings and discourses of exclusion and normalization of the subject are not unpublished, ie in the historical thread are only (re) updated in society.

**Keywords:** Exclusion. Resistance. Speech analysis.

**Daniele Lucena Santos** é pós-graduanda no curso de Especialização em Docência para a Educação Técnica e Profissional no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, *câmpus* Aquidauana.

E-mail: lucena.ufms@hotmail.com

**Juvenal Brito Cezarino Junior** é professor mestre no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, *câmpus* Aquidauana. Foi o orientador deste trabalho.

E-mail: juvenal.cezarino@ifms.edu.br



## 1 AQUIDAUANA: PORTAL DA DIVERSIDADE

O Instituto Federal de Mato Grosso do Sul iniciou suas atividades no município de Aquidauana em setembro de 2010. Nesses oito anos de funcionamento, o *campus* oferece ainda o curso técnico integrado em Edificações na modalidade Educação de Jovens e Adultos (Proeja), cursos técnicos subsequentes presenciais, o Bacharelado em Engenharia Civil, o curso superior de Tecnologia em Redes de Computadores, além da especialização em Docência para Educação Profissional, Científica e Tecnológica e cursos de qualificação profissional.

Município com cerca de 50.000 mil habitantes, Aquidauana é uma cidade do interior que possui uma economia baseada na agropecuária e é conhecida como Portal do Pantanal, em razão da variedade de flora e fauna. A condição fronteira, logo, intensifica o fluxo de pessoas, a diversidade cultural e também os embates, as contestações e o estranhamento. Não apenas como um limite, uma divisão, a fronteira é “uma zona híbrida, babélica, onde os contatos se pulverizam” (SANTOS, 1994, p. 49).

O elevado índice de dificuldades de socialização em virtude da diversidade étnica, sexual ou econômica tem se feito presente em grande parte das instituições de ensino, com um significativo aumento no ano de 2002, desencadeando uma realidade que preocupa os educadores e a sociedade que presenciam esse preconceito.

As turmas nas quais realizamos a pesquisa eram formadas por 54 alunos – sendo 28 cursando Informática e 26, Edificações – a maior parte oriunda de classe média baixa, que estudaram em escolas públicas durante o Ensino Fundamental e Médio e com um histórico de exclusão. Alunos que, em busca de um futuro promissor, pleitearam uma vaga na instituição e dedicam-se às atividades, inclusive em período integral.

Por tratar-se de um tema cotidiano, a nossa pesquisa torna-se relevante por compreender que o espaço escolar é, principalmente, um espaço de democracia e de reafirmação das identidades, uma vez que as crises vivenciadas pela escola também neste âmbito de socialização são decorrentes da “dificuldade desta e de seu despreparo para lidar com esse novo agente”. O novo agente em questão é o nosso aluno, sujeito construtor de seus saberes, nascido na/da tecnologia, remanescente de um processo de resistência à universalização de ideias, desobediente aos princípios ordeiros. Esse cenário gera outras problemáticas, formas de produção do conhecimento e de socialização com as quais a escola e os professores, na grande maioria, não estão preparados para dar suporte aos alunos.

## 2 A PRODUÇÃO DA EXCLUSÃO

O vocábulo exclusão passou a ser utilizado para denominar a problemática que surgiu no final do século XX, motivada pelos fatores sócio-históricos e ideológicos da pós-modernidade: uma nova era baseada nos princípios de trabalho, produção de riquezas e do consumo e que é gerenciada por dispositivos de controle. Esse termo pode ser entendido por dois vieses: a exclusão como um processo, pelo qual o sujeito é submetido a diversas situações excludentes, e como um estado, que a partir dos processos de exclusão e da atualização desses discursos são criados estereótipos para o sujeito que se cristalizam na sociedade, como, por exemplo, o de que (todos) os índios andam nus em suas comunidades.

A noção de diferença com caráter segregador é endossada então a partir dessas novas realidades que circundam o sujeito. O sentido dicionarizado do vocábulo exclusão é de “em que há afastamento, exclusão social, política, financeira; não inclusão de algo ou de alguém” (BECHARA, 2011, p. 439). Nesse sentido, o termo tem, como explica Oliveira



(2004, p. 161), sua primeira utilização em uma obra de René Lenoir, datada do final da década de 1960, publicada na França, na qual o autor tratava dos “esquecidos do progresso”, isto é, dos que não se ajustavam às novas ordens políticas e econômicas.

Em seguida, o termo exclusão passou a ser utilizado de maneira indiscriminada em diversas áreas do conhecimento, porém, a ideia essencial de marginalização e de separação de pessoas em razão de quesitos econômicos, classe social e ideologia fazia-se presente. Para essa ideia, COM (2003, p. 09), o relatório da Comissão das Comunidades Europeias, explica que a exclusão é:

[...] Um processo através do qual certos indivíduos são empurrados para a margem da sociedade e impedidos de nela participarem plenamente em virtude da sua pobreza, falta de oportunidades de aprendizagem ou ainda por conta da discriminação.

Já Castel (1997), sociólogo francês, vê a exclusão como desfiliação social, mais voltada para o âmbito do desemprego e das realidades que essa ausência cria; a desagregação identitária é a nomenclatura dada pelo estudioso Bauman (2005); a desumanização do outro por Honneth (1992) e a anulação da alteridade no entendimento de Xiberras (1993).

Observamos na sociedade atual que existem as mais diversas manifestações de exclusão como, por exemplo, por conta do peso, da cor da pele, da condição social e/ou econômica e, sobretudo, do gênero, e isso em razão dos padrões estabelecidos pela sociedade hegemônica. Nesse sentido, as variáveis da exclusão são mecanismos eficazes na (re)atualização de discursividades excludentes e violentas, pelos quais os sujeitos internalizaram pré-conceitos e reproduzem

imagens e discursos que empoderam as redes de exclusão. A multidimensionalidade dos processos de exclusão extrapola os limites locais de reconhecimento das condições de privação social vivenciadas pelos sujeitos, fragmentando as lutas sociais em processos reivindicatórios específicos, que necessitam ser ressignificados por novos sentidos globais.

Independente da nominalização, notamos que nas últimas décadas houve um aumento dos casos de preconceito e discriminação<sup>1</sup> em diversos âmbitos, sobretudo no educacional. Frisamos que a escola, de nível fundamental a superior, tem vivido crises e que uma delas é o alto índice de dificuldades relacionados à socialização dos alunos. Constatamos, por meio de um levantamento bibliográfico, que há um significativo número de trabalhos elaborados com a temática exclusão, o que nos revela a preocupação da sociedade em discutir e combatê-la.

Mediante a problemática que se faz presente no IF, *campus* Aquidauana<sup>2</sup>, propomos a realizar uma ação interventiva a fim de desconstruir (in)verdades cristalizadas e chamar atenção para as implicações que estão escamoteadas nos discursos de “inclusão” disseminados na/pela sociedade. Nesse sentido, buscamos identificar as marcas de exclusão que se presentificam no discurso dos alunos dos 5º semestres dos cursos integrados de Informática e Edificações do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* Aquidauana, e analisar como o sujeito pode ser um agenciador de modos de violência simbólica, (re)atualizando práticas discursivas excludentes. Para isso, consideram-se as marcas linguísticas de exclusão e de resistência nesses discursos a partir da perspectiva discursiva e do processo de referenciação

<sup>1</sup> Os termos preconceito, marginalização, segregação e discriminação, ainda que carreguem sentidos diferentes, de acordo com o contexto e bases teóricas, entendemos como formas de exclusão.

<sup>2</sup> Constatamos essa situação por meio de conversas com alguns professores da instituição.





linguística, com base na interpretação de regularidades enunciativas que nos possibilitam buscar, via materialidade linguística, as condições de produção, as formações discursivas e os interdiscursos visando a uma discussão sobre os efeitos de sentido gerados.

À luz da perspectiva transdisciplinar da Análise do Discurso de Linha Francesa (AD), utilizamos o método arqueogenealógico de Foucault (2008) para a problematização dos processos de subjetivação dos sujeitos. Sendo assim, possível rastrear suas escolhas discursivas inscritas nas relações de poder. Como arcabouço teórico utilizamos autores como Authier-Revuz (1998), Coracini (2007), Foucault (2008) e Orlandi (2009), que subsidiam as reflexões sobre as condições de produção, formação discursiva, sujeito, interdiscurso, arquivo e memória; além de Bauman (2005) e Canclini (2015) para as discussões sobre identidade e cultura.

Partindo da teoria de Foucault (2012), de que o saber é poder e de que a apropriação do conhecimento cria ferramentas de resistência, nossa hipótese é de que a ação, com caráter preventivo e de intensificação da conscientização dos professores e alunos do IF, fomentará novas práticas discursivas alicerçadas na importância da manutenção da alteridade do sujeito.

### **3 A AD E OS ESTUDOS CULTURALISTAS: PENSANDO A EXCLUSÃO SOB O VIÉS TRANSDISCIPLINAR**

Com o objetivo de analisar o discurso dos alunos dos 5º semestres dos cursos de Edificações e de Informática do IF de Aquidauana, selecionamos 2 recortes, denominados de R1 e R2, retirados de vídeos produzidos em 2018 por esses mesmos alunos para a disciplina de Língua Portuguesa. Os sujeitos serão identificados como E, referindo-se ao entrevistador, e SA1 e SA2, ao Sujeito

Aluno, a fim de manter suas identidades em sigilo.

Sob as lentes da AD, os discursos selecionados constituem arquivos, isto é, um sistema que concebe o enunciado como um acontecimento singular. Esses enunciados estão submetidos às relações de poder e, como onde há poder há resistência, nas palavras de Coracini (2007, p. 17), arquivo é também “o lugar da resistência do sujeito a esse mesmo poder”.

Foucault (2008, p. 133-134) explica que o discurso é “constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência”. Assim, pensar o discurso é também considerar que a sua produção se dá em uma conjuntura sócio-histórica e ideológica específica, e que sua aparição é sempre recorrente de conflito, instigada por poder e resistência e emergente na descontinuidade.

Para o historiador (FOUCAULT, 2008), o sujeito, sendo uma fabricação do social, pode ocupar várias posições e se identificar com cada uma delas. O que mudará serão as regras, a ordem das discursividades. Nessa perspectiva, os discursos são produzidos em face das posições ocupadas pelos sujeitos, “os sujeitos funcionam pelo inconsciente e pela ideologia” (ORLANDI, 2009, p. 20). A ideologia, conforme Pêcheux (1988, p. 159), é como um complexo jogo de relações que incitam o sujeito à existência e que determinam historicamente “o que é e o que deve ser” das palavras e dos sentidos a elas conferidos. Ao serem envolvidos por uma determinada ideologia, o sujeito não tem o controle total do seu dizer e dos sentidos que dele emanam.

Isso ocorre em razão das experiências e dos discursos que ecoam no (in)consciente, de já ditos que formam um mecanismo de “filtragem”, de seleção e apagamentos enunciativos acerca de um determinado objeto como, por exemplo, ser homem ou ser mulher.



Essa forma de filtro é que vai construir uma memória discursiva e que permite a compreensão das lacunas para o entendimento.

Contornando os elementos da produção dos sentidos vinculados a uma ideologia e obedecendo as regularidades no funcionamento do discurso e a determinados usos das palavras, é confirmada a existência de uma formação discursiva, subordinada às formações ideológicas. Foucault (2008, p. 43) ressalta que quando se “[...] puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão [...] se puder definir uma regularidade [...] diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva”.

Buscamos encontrar, pelas camadas sedimentares da história, as relações de poder que viabilizam determinadas discursividades e escamoteiam outras. Para isso, utilizamos o método arqueogenealógico de Foucault (2008), que nos permitiu problematizar os processos de subjetivação dos sujeitos e “escavar” os enunciados à procura de regularidades que façam emergir a ordem das escolhas discursivas desses sujeitos.

A discussão desses conceitos é importante, pois subsidia as interpretações sobre a noção de exclusão, uma vez que a entendemos também como resultado do que Lacan (1975) chama de estranhamento, ou seja, um não reconhecimento do outro em razão das representações que construímos desse outro. Ou seja, todas as “ordens” sócio-políticas e econômicas modelam um sujeito, mas quando esse sujeito não as atende é considerado estranho, fora dos padrões.

Diante desse cenário, entendemos que a exclusão é um processo e que as identidades dos sujeitos que a sofrem são fragmentadas, transitando entre os olhares periféricos e hegemônicos, por meios dos quais apreendem o saber e os transformam em resistência, como forma de luta e de fazer-se ouvir na sociedade. Assim, entendemos exclusão sob as lentes de

Bauman (2005), já que a desagregação identitária é resultado dos processos de identificação do sujeito nas tramas da sociedade atual e sob as constantes relações culturais que tece.

Assim, torna-se imprescindível compreendermos a conjuntura da sociedade atual que, na visão de Bauman (2005), é resultado de três fatores: a construção da ordem, o progresso econômico e a globalização. O sociólogo, ao citar a construção da ordem, refere-se aos dispositivos de repressão e de controle como, por exemplo, a escola, os hospícios, as prisões, também chamados por Foucault (2004) de dispositivos que disciplinam e moldam o sujeito. Quanto ao progresso econômico, o autor menciona o capitalismo e a crescente necessidade de consumo da população, já a globalização é entendida como um movimento que gerou a modernidade e a pós-modernidade, momento que vivemos hoje, e que gerou a desestabilização de conceitos que ancoravam as visões de mundo e davam “certeza” ao sujeito. Nas lentes do sociólogo Bauman (2005), a exclusão é, portanto, uma condição que está relacionada aos fatores disciplinares, econômicos e sociais.

Perpassado por inúmeros desencontros e desgastes e pelo “processo agonístico” (BHABHA, 2007), em que os sujeitos enfrentam os conflitos por estarem na relação com o outro, o diferente, emerge um sujeito multifacetado. Inerente ao processo de construção do sujeito, o sociólogo Bauman (2005, p. 17-18) afirma que tanto o pertencimento quanto a identidade não são sólidos, pelo contrário, “são negociáveis e revogáveis”.

Antes de aprofundarmos, é significativo analisarmos a cultura, um viés fundamental que lança luzes para o entendimento dos processos de exclusão e os efeitos de sentido que emanam dos discursos da sociedade.





Na visão de Canclini (2015), a cultura é um processo em constante transformação, a qual, em decorrência da contemporaneidade, não está selada em uma única comunidade. Para o autor, a cultura é um processo que vai iluminar a maneira e as representações que construímos do mundo e do outro. Diante disso, a noção de exclusão deve ser analisada considerando o processo sócio-histórico no qual os sujeitos estão inseridos. Isso equivale a pensar a cultura e as identidades culturais a partir do movimento de hibridização, ou seja, do constante contato, da troca entre os sujeitos, um movimento de encontro entre as diferenças e de constituição de novos sujeitos (CANCLINI, 2015, p. 23). Logo, vivemos em uma época de hibridização cultural e também de conflitos, conflitos estes que resultam nos gestos de exclusão, os quais buscamos analisar.

Nesse sentido, a noção de exclusão pode ser comparada ao caleidoscópio, uma vez que, analisada sob diversos aspectos e variáveis, faz emergir interpretações distintas em razão das condições de produção de cada enunciado, isto é, de cada olhar que lhe é lançado e que promoverá sentido(s) apenas se passar pelo fio da cultura, pelo simbólico, conforme explica Orlandi (2008, p. 233).

## 4 UM GESTO INTERPRETATIVO

No âmbito federal, políticas públicas estão sendo desenvolvidas com o objetivo de minimizar os problemas causados pelas desigualdades, em especial, aquelas que foram naturalizadas ao longo da história do Brasil. É fundamental ressaltarmos que as leis resultam em uma rede de formações discursivas que se conservam em uma sociedade, uma vez que o discurso da lei promove a (des)(re)construção das identidades e o agenciamento de discursos modalizadores sobre inclusão e exclusão, tendo em vista que “todo arquivo responde a estratégias institucionais de organização e conservação de documentos e acervos, criado,

por meio delas, de gestão da memória de uma sociedade” (ZOPPI-FONTANA, 2005, p. 97).

O trabalho de consciência deve ser, assim, discutido no decorrer das aulas, pois a escola é o espaço onde acontecem os debates, momentos de socialização de crianças, adolescentes de diferentes culturas e identidades e é nesse processo que estabelece um convívio social harmonioso ou conflituoso da criança. Dessa forma, cria-se um elo de reconhecimentos de identidade e ocorre o processo do olhar do outro, olhar esse que vai valorizar as habilidades e proporcionar pensamento construtivo, a fim de pertencer a um grupo social engajado no desenvolvimento e no aprendizado, sem desconsiderar as diferenças de raciais e culturais, já que o professor é visto como emissor no ambiente social e é o sujeito capaz de auxiliar na construção de identidade dos alunos (MOITA LOPES, 2006)

Nos vídeos, os alunos foram questionados a respeito do preconceito, se já haviam sofrido um ato de exclusão, em qual ou quais situações isso ocorreu e qual foi a reação. No primeiro recorte, (R1), observamos que a exclusão ainda é recorrente:

**R1:** [...] *E:* você já sofreu preconceito?

**SA4:** **já... sofro até hoje na escola...** por causa (risos)... minha orelha... porque... **geralmente falam que ela é/era/ É grande!**

*E:* ::: o que você falaria para essas pessoas agora?

**SA4:** um::: **nada...** eu não dou muita bola pra isso [...]

O verbo sofrer no tempo pretérito condiciona o questionamento ao passado, fato já ocorrido, de certa forma sugerindo que os atos de exclusão não existam mais. SA4, no entanto, é enfático ao responder que “*já... sofro até hoje na escola*”, situando-os no tempo e espaço: “*hoje na escola*”. A sua afirmação contraria a ideia atual de que a escola é um espaço livre e democrático. Há uma virtualidade



nessa concepção, pois o trecho mostra a escola como um espaço conflituoso, no qual o processo de exclusão perdura: o uso do operador argumentativo *até* indica-nos essa prática ininterrupta.

A escola é um espaço sociocultural no qual convivem os conflitos e as contradições. O racismo, a discriminação racial e de gênero, que fazem parte da cultura e da estrutura da sociedade brasileira, estão presentes nas relações entre educadores/as e educandos/as. O sistema institucional, em especial a escola, como fomentadora do processo educacional, para Foucault (2012, p. 41), “é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”. A escola é concebida como um mecanismo de resistência veiculadora de “saber-poder” (FOUCAULT, 2012), ela também é responsável por moldar, recortar os sujeitos de uma sociedade atendendo a uma ideologia dominante.

A fala truncada no trecho “*geralmente falam que ela é/ era/ É grande!*”, demonstra ‘deslizamentos’ de ordem inconsciente e interdiscursiva. Há, portanto, um jogo enunciativo entre o presente e o passado, entre a representação que o sujeito faz de si e a representação do outro sobre si. A fala do outro, ainda que lhe fira, torna-se constitutiva de sua identidade e por mais que ele mencione “*um:: nada... eu não dou muita bola pra isso*” em sua resposta à pergunta: “*o que vocêalaria para essas pessoas agora?*”, essas falhas do inconsciente, fazendo emergir o discurso do outro (sobre a forma pejorativa como se refere a orelha), já expõem que esse *nada* carrega muitos outros sentidos.

Ao dizer “*um:: nada... eu não dou muita bola pra isso*”, a pausa em sua fala é preenchida pela combinação de fonemas (um::) e seu alongamento, que quando pronunciada, permite a (re)organização de seu dizer por meio do acesso à memória discursiva. O termo *nada*,

nesse caso, é uma anáfora encapsuladora que tem como função uma “retomada resumitiva” (CAVALCANTE et al, 2014, p. 80); todavia, com o sentido de escamotear todo o desejo de expor as suas contradições e repulsa pelo que sofreu. O gesto de “*não dizer nada*” também demonstra a condição de assujeitado, aquele que se silencia.

A afirmação de que não há coisa alguma a ser dita às pessoas que praticaram e praticam ações preconceituosas é contradita, uma vez que o sujeito utiliza na mesma proposição o advérbio de intensidade *muito* em “*eu não dou muita bola pra isso*”. Desse modo, o vocábulo *nada* que, como analisamos, tem o sentido de “tudo o que o sujeito já sofreu em situações de exclusão”, é acentuado pelo intensificador *muito*, desvelando, portanto, que o sujeito se importa e, sobretudo, incomoda-se com a condição de excluído. Esse fato é corroborado pelo referente *isso*, que remete às situações vivenciadas, às restrições que sofreu e também ao silenciamento perante a sociedade: o gesto de não as descrever enaltece esse desconforto.

Na sequência, ao questionar se SA5 já havia sofrido algum tipo de desrespeito, o sujeito afirma que:

**R2:** SA5: já.

E: o que vocêalaria pra essas pessoas?

SA5: já que:: o preconceito é um **desrespeito** com o próximo... pras pessoas tê mais respeito... é:: **porque a pessoa é diferente** ... ela **num qué dizê** que ela:: seja estranha: tipo... **NÃO**... TA... não quer dizê que ela é **errada na sociedade**... então tenha respeito com o próximo.

O sujeito, ao mencionar “*porque a pessoa é diferente*”, apropria-se do discurso do outro e reproduz práticas discursivas que (re)atualizam a diferença com o sentido pejorativo, colocando as pessoas que não são “iguais”, que não seguem o padrão hegemônico às margens da sociedade, estigmatizando-as.



Na atualidade, essas práticas são resultantes dos jogos de poder entrecidos por sujeitos que não estão nas bordas sociais, envolvidos pelo discurso de progresso e evolução e, com isso, criam uma cisão em determinadas representações, uma vez que as representações que os sujeitos criam estão relacionadas aos seus processos de identificação (CORACINI, 2007). A proposição negativa “*num qué dizê que*” corrobora a existência de discursos outros, dos quais SA5 vale-se durante o relato, pertencentes a uma formação discursiva que afirma essa inadequação, essa “diferença”.

O uso recorrente do advérbio de negação “não”, inclusive no trecho no qual o sujeito é enfático “NÃO”, faz emergir, interdiscursivamente, a necessidade de contradizer os discursos que confirmam a diferença. Ao mencionar “*não quer dizê que ela é errada na sociedade*”, é corroborada a presença de dizeres que segregam pessoas e as colocam em condição de excluídos, de erradas e fora dos padrões eleitos pela hegemonia.

## (IN)CONCLUSÕES

Observamos que os efeitos de sentidos são produzidos ideologicamente com a finalidade de manifestar a discriminação. No âmbito da diversidade, a escola é tida como um dos principais locais em que a discriminação, a exclusão ocorre, muitas vezes, camuflada por efeitos de sentidos atravessados por valores ideológicos construídos culturalmente ao longo da história.

As práticas discursivas excludentes colocam esses sujeitos em um “entre-lugar” (BHABHA, 2007), em uma condição de dispersos. As suas identidades logo tornam-se híbridas, colam e se descolam seguindo as suas aspirações e vão se transformando a cada obstáculo, em cada gesto de resistência e

exercícios de poder. A busca da completude e da aceitação das diferenças faz com que o sujeito trave um conflito entre a sua própria aceitação e a busca pela aceitação do O(o)utro – o seu próprio inconsciente e o outro sujeito.

Um dos destaques nesta pesquisa é a diferença vista e interpretada como “defeito”, ou seja, aquilo que não é padronizado ou de acordo com as prescrições sociais que determinados sujeitos adquirem como verdade absoluta é visto como defeito. Evidencia-se assim a negação da presença de culturas outras e da estigmatização de padrões sociais.

Constatamos, todavia, que, por meio da apropriação do conhecimento, os sujeitos que sofrem esses gestos de violência criam ferramentas de resistência, buscando fomentar novas práticas discursivas alicerçadas na importância da manutenção da alteridade do sujeito.

## REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BECHARA, E. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 7. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- CANCLINI, N. G. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- CASTEL, R. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade a



“desfiliação”. *CADERNO CRH*, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez. 1997.

CAVALCANTE, M. M et al. *Coerência, referenciação e ensino*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

COM. COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS. *Relatório conjunto sobre a inclusão social, que sintetiza os resultados da análise dos planos de ação nacionais para a inclusão social (2003-05)*, Bruxelas, 12/12/2003, COM (2003) 773 Final, 2003.

CORACINI, M. J. R. F. *A Celebração do Outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), prulinguismo e tradução*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2007.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19 ed. São Paulo: Loyola, 2012.

HONNETH, A. Integrity and disrespect; principles of a conception of morality based on the theory of recognition. *Political Theory*, [S.l.], v. 20, n.2, p. 187-201, 1992.

LACAN, J. *O Simbólico, o Imaginário e o Real (1953)*. Em Nomes-do-Pai. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

MOITA LOPES, Luiz P. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial. 2006.

OLIVEIRA, A. da R. Sobre o alcance teórico do conceito de “exclusão”. *Civitas*, Porto Alegre, v. 4, nº 1, jan-jun. 2004.

ORLANDI, E. P. *Terra à vista - Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.

SANTOS, B. de S. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 1994.

XIBERRAS, M. *As teorias da exclusão; para uma construção do imaginário do desvio*. 2.ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

ZOOPI-FONTANA, M. G. Arquivo jurídico e exterioridade. A construção do *corpus* discursivo e sua interpretação/interpretação. In: GUIMARÃES, E; PAULA, M, R, B de (Orgs). *Sentido e memória*. Campinas: Pontes, 2005, p. 93-113.

#### Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SANTOS, D. L.; CEZARINO JUNIOR, J. B. As marcas da exclusão: Poder e resistência no discurso dos alunos do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 4, p. 24-32, 2017.



## DO ROTEIRO AOS PROTAGONISTAS: A MUTABILIDADE ARQUÉTICA DA SÉRIE THE END OF THE F\*\*\*ING WORLD

Renan da Silva Dalago

*Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul*

Ágatha Martins Avila

*Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul*

Altamir Botoso

*Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul*

### RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de observar a construção dos arquétipos no roteiro e protagonistas da série *The end of the f\*\*\*ing World* (ENTWISTLLE, 2017), partindo da ideia de que esses arquétipos se modificam durante a composição e construção da narrativa. Dessa forma, pontuaremos os principais arquétipos presentes na narrativa audiovisual, analisando sua relevância na construção do roteiro e dos personagens principais durante os episódios e desenrolar da série. Para isso, foram realizados estudos bibliográficos destacando as obras de Jung (2000), Vogler (1998), Mark e Pearson (2017), entre outros autores. Concluímos, assim, a existência de mutabilidade arquetípica na narrativa e sua importância na construção de personagens profundos e ambíguos.

**Palavras-chave:** Arquétipos. Construção da obra. *The end of the f\*\*\*ing world*.

### ABSTRACT

This article aims to observe the construction of the archetypes in the script and protagonists of the series *The end of the f\*\*\*ing World* (2017), starting from the idea that these archetypes change during the composition and construction of the narrative. In this way, we will point out the main archetypes present in the audiovisual narrative, analyzing their relevance in the construction of the script and in the main characters during the episodes and developing of the series, for this, bibliographical studies were carried out highlighting the works of Jung (2000), Vogler (1998), Mark & Pearson (2017), among other authors. We conclude, therefore, the existence of an archetypal mutability in the narrative and its importance in the construction of deep and ambiguous characters.

**KEYWORDS:** Archetypes. Construction of narrative. *The end of the f\*\*\*ing world*.

**Renan da Silva Dalago** é graduando em Letras pela UEMS e é especialista em Linguagem Audiovisual e Cinema.

E-mail: renandalago@gmail.com

**Ágatha Martins Avila** é graduanda em Letras pela UEMS.

E-mail: agathamartins66@gmail.com

**Altamir Botoso** é professor adjunto da UEMS.

E-mail: abotoso@uol.com.br





## INTRODUÇÃO

Plataformas *on demand*<sup>1</sup> como Netflix, Amazon Prime, HBO Go, dentre outras, democratizam a forma de consumir filmes, séries, novelas e desenhos, além de produzir conteúdos próprios e inéditos, aumentando assim o número de títulos audiovisuais disponíveis no mercado. Com a disputa de conteúdos audiovisuais, houve a necessidade de criar, além de séries, personagens cada vez mais profundos, explorando assim seu passado, presente, futuro e até mesmo sua personalidade.

Dessa maneira, para explorar personagens, o modo audiovisual possibilitou a inserção de arquétipos nas narrativas, como afirmam Mark e Pearson (2017, p. 18):

Às vezes, o roteirista, o diretor e o produtor simplesmente intuem o arquétipo. Outras vezes, eles são guiados por um sistema consciente. A série *Guerra nas estrelas (Star Wars)* – bem como os bonecos de ação e outros produtos derivados – tem um apelo eterno. Ao fazer esses filmes, George Lucas foi guiado pelo livro de Joseph Campbell, *O herói e mil faces (The hero with a Thousand Faces)*, que esboça todos os ricos e evocativos estágios da jornada do Herói. A popularidade de cada episódio deriva em grande parte do talento de Lucas para elaborar conscientemente toda a série a fim de transmitir figuras arquetípicas e enredos míticos. Os produtos atraem – e prendem – a nossa atenção pelo mesmo motivo: eles corporificam um arquétipo.

Essa construção da narrativa com inserção de arquétipos faz com que os espectadores se vejam nos personagens, aproximando assim o público da série e das plataformas *on demand*. Vogler (1998) discorre que essas histórias são modelos exatos de como funciona a mente humana, verdadeiros mapas da psique,

psicologicamente válidas e emocionalmente realistas, mesmo quando retratam acontecimentos fantásticos, impossíveis ou irrealistas, explicando desse modo o poder universal dessas histórias, que são construídas segundo modelos arquetípicos, exercendo um fascínio que pode ser sentido por qualquer um, pois brotam de uma fonte universal no inconsciente que compartilhamos e se refletem conceitos universais.

Mark e Pearson (2017) afirmam que as imagens arquetípicas sugerem a realização dos mais básicos desejos e motivações humanas, liberando emoções e anseios profundos, sendo que, por meio dessas imagens arquetípicas, superestrelas, filmes e figuras públicas alcançam sucesso excepcional.

Dessa forma, analisar e compreender a inserção dessas figuras arquetípicas nas narrativas audiovisuais se faz necessário e é um percurso instigante para estudiosos e críticos contemporâneos. Nesse sentido, Campbell (1997) discorre sobre a necessidade de analisar a jornada arquetípica presente nas histórias e narrativas para compreender seu sucesso junto ao público e como os espectadores se mostram tão emocionalmente envolvidos com determinados personagens.

Pautados pelo que foi exposto, analisaremos, utilizando como suporte teórico os arquétipos junguianos, os protagonistas da série britânica da Netflix *The end of the f\*\*\*ing world*, a fim de compreender e pontuar os arquétipos utilizados, além de sua importância na construção de protagonistas ambíguos e profundos.

## 1 F\*\*\*A-SE O FIM DO MUNDO

No dia 05 de janeiro de 2018, a Netflix lançou internacionalmente a série audiovisual

suprir de imediato a demanda do consumidor por meio de filmes e séries pela internet.

<sup>1</sup> Plataforma *on demand* é um serviço ou produto ofertado por uma empresa de tecnologia, visando



britânica *The end of the f\*\*\*ing world*, inspirada em uma série de histórias em quadrinhos elaborada pelo norte-americano Charles Forsman. Sua primeira temporada foi disponibilizada pela Netflix, com 8 episódios de aproximadamente 20 minutos cada.

A série é protagonizada pelos atores Alex Lawther, que vive James, e Jessica Barden, como Alyssa. O enredo traz à tona a história de dois adolescentes que odeiam suas vidas.

O seriado busca apresentar inicialmente os protagonistas, começando por James, que apresenta traços de psicopatia e que desde os oito anos mata animais pequenos e agora, aos dezessete, procura por um ser humano para matar. A partir desse momento e com esse desejo interno do protagonista, ele conhece Alyssa, que é apresentada aos espectadores como uma garota com traços de sociopatia, que mora com a mãe, o padrasto e dois irmãos e possui um desejo imenso de largar sua vida e ir em busca de seu pai, que a abandonou na infância. Ao se conhecerem, a série se torna inquietante, pois ambos, insatisfeitos com suas vidas, fogem juntos. Essa jornada de fuga se torna para eles, no decorrer da série, uma busca pelo paraíso e pelo autoconhecimento.

A série é classificada pela plataforma de vídeos *on demand* como de humor negro e irônico. Ela foi bem recebida pela crítica especializada e tem 100% de notas positivas no site americano especializado em cinema e séries *Rotten Tomatoes*.

## 2 ARQUÉTIPOS

Para o psicólogo suíço Carl Gustav Jung (2000), a mente é dividida em duas camadas: a primeira, denominada por Jung como inconsciente pessoal, tem conteúdos adquiridos individualmente e este que formam a personalidade individual; na segunda, que Jung denominou de inconsciente coletivo, as imagens e símbolos são de ordem

impessoal e coletiva e representam uma base da psique universalmente presente em todos os seres humanos e culturas, sendo sempre idênticas. De acordo com Jung (2000, p. 53):

Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos*.

Independente de onde vivemos, de onde fomos criados ou da cultura que impera em nós, os arquétipos são imagens e símbolos igualmente parecidos para todos os seres humanos. Jung (2000, p. 16) afirma que arquétipos são “conteúdos arcaicos - ou melhor - primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos”. Por essa razão, os arquétipos são imutáveis em nossa psique e presentes em histórias, conto de fadas, filmes, na publicidade e em tudo que nos cerca.

A esse respeito, o estudioso Sal Randazzo (1996, p. 67) tece a seguinte observação:

Os arquétipos de Jung existem no inconsciente; não podem ser percebidos diretamente. Os arquétipos do inconsciente coletivo de Jung funcionam de certa forma como instinto que guiam e moldam o nosso comportamento. O que podemos perceber são expressões dos arquétipos na forma de imagens e símbolos arquetípicos. Em outras palavras, todo arquétipo pode se manifestar em um número infinito de formas. O arquétipo básico do guerreiro, por exemplo, que representa o instinto de guerra e de agressão pode revelar-se em numerosas expressões (centurião romano, cavaleiro, fuzileiro naval, e assim por diante).





É importante frisar que, mesmo sendo figuras imutáveis em nossa mente, os arquétipos presentes em narrativas podem ser fluidos e mutáveis na personalidade do personagem, à medida que a história e a situação em que ele está avançam. Vogler (1998) assevera que há outra maneira de os encarar: não como papéis rígidos para os personagens, mas como funções que desempenham temporariamente para obter certos efeitos em uma história. Olhando os arquétipos dessa maneira, como funções flexíveis de um personagem e não como tipos rígidos, é possível liberar a narrativa. Isso explica como um personagem em uma história pode manifestar qualidades de mais de um arquétipo. Nessa perspectiva, pode-se pensar nos arquétipos como máscaras usadas temporariamente pelos personagens, na proporção em que são necessárias para o avanço da história. Um personagem pode entrar na história fazendo o papel de um arauto, depois trocar a máscara e funcionar como um bufão ou pícaro, um mentor ou uma sombra.

Essa mutabilidade e fluidez em histórias e narrativas se faz necessária para que o público possa, em algum momento, ver-se inserido nesses contos porque, como afirmam Mark e Pearson (2017), há um arquétipo em nós e, quando uma narrativa apresenta algum personagem ou figura que se aproxime de nossos arquétipos pessoais, nós nos sentimos emocionalmente envolvidos e confortáveis com a figura, narrativa, história etc., fazendo com que essas figuras arquetípicas, que vemos espalhadas pelo mundo, emprestem significados a nossas vidas.

### 3 QUANDO A VIDA IMITA A ARTE: A MUTABILIDADE DOS ARQUÉTIPOS NA SÉRIE AUDIOVISUAL

Diferente de séries adolescentes convencionais, *The end of the f\*\*\*ing world* traz

a busca de dois adolescentes pelo autoconhecimento, contudo, o roteiro, ao se desenrolar durante as quase duas horas e meia de audiovisual, não traz uma forma adolescente de ver o mundo, com clichês batidos, mas um roteiro pesado, com violência e crimes, e também mostra amor, proteção e a busca pelo lugar perfeito. Dessa forma, a premissa inicial, segundo a qual o roteiro é construído, apresenta-nos um arquétipo principal que guia toda a série do começo ao fim: o do Explorador. Mark e Pearson (2017, p. 79-80) atestam que

A história do Explorador está na raiz do sucesso de todo o gênero ‘relatos de viagens’ (incluindo as narrativas de imigrantes); contos de fada (como *Joãozinho e Maria*) nos quais o protagonista sai de viagem, cai em algum tipo de armadilha e finalmente escapa; ficção científica (sobre a exploração do universo), histórias sobre pessoas que largam o casamento, o emprego ou a cidade natal; literatura de expatriados; literatura sobre a busca da terra prometida; e toda literatura do absurdo que demonstra a alienação humana.

Esse arquétipo predomina na trajetória da série, e a cena que inicia o roteiro pela jornada do Explorador centra-se na fuga dos jovens, quando James rouba o carro do pai e sai com Alyssa em busca de uma nova vida, novas experiências. Mark e Pearson (2017) afirmam que a expressão do Explorador ganha relevo no simples desejo de pôr o pé na estrada e percorrer os caminhos amplos e selvagens da natureza – para experimentar a alegria da descoberta – tendo como produtos que servem naturalmente como acessórios para a jornada do Explorador os automóveis.

O roteiro conta também com uma segunda premissa, a busca pelo paraíso, quando, ao fugir, a jovem Alyssa procura pela casa do pai que, para ela, é seu paraíso e, dessa forma, acaba por fazer com que James a acompanhe nessa jornada. A busca pelo paraíso tem como principal arquétipo o Inocente. Mark e Pearson



(2017, p. 63) ressaltam que “o Inocente que existe em cada um de nós quer viver naquela terra perfeita, onde ‘somos livres para ser eu e você’”.

FIGURA 1: James e Alyssa fogem



Fonte: Netflix (2017)

A relação entre Alyssa e o pai na perspectiva do Inocente é visível no segundo episódio da primeira temporada, no momento em que Alyssa diz que o pai é como Robin Hood. Essa associação ao herói mítico inglês demonstra a compreensão da protagonista como uma idealização paterna, como se ele fosse o seu paraíso. Randazzo (1996) assinala que o paraíso existe na mente humana como berço da criação, como o jardim do Éden, e que essas imagens também operam em um nível emocional/psicológico para criar uma sensação de felicidade em uma emocionante fuga para um mundo exótico.

Enquanto Alyssa possui o arquétipo principal do Inocente em busca do paraíso, James, em contrapartida, foge com ela com o desejo de matá-la. Aqui nasce o arquétipo de James, o da Sombra. Para:

O arquétipo conhecido como Sombra representa a energia do lado obscuro, os aspectos não-expressos, irrealizados ou rejeitados de alguma coisa. Muitas vezes, é onde moram os monstros reprimidos de

nosso mundo interior. As Sombras podem ser todas as coisas de que não gostamos em nós mesmos, todos os segredos obscuros que não queremos admitir, nem para nós mesmos. As características a que renunciamos, ou que tentamos arrancar, ainda sobrevivem e agem no mundo das Sombras do inconsciente.

Na série, esse segredo obscuro de James é revelado através de *flashs*, mostrando o desejo do garoto em matar Alyssa e a forma com que ele pensa em fazer isso. Esse desejo, uma manifestação do arquétipo da Sombra, também fica explícito, pois, junto aos *flashs* do garoto, há um outro recurso cinematográfico para proporcionar ao espectador essa vontade, o *voice over*<sup>2</sup>, o qual possibilita ver que, junto das imagens, vem o áudio explicando seu desejo, que parece ser parte de seu pensamento.

Na busca do paraíso de Alyssa e no desejo da Sombra de James, a narrativa se transfere para outro arquétipo, o do Fora-da-Lei ou do Anti-Herói. Vogler (1998 p. 44) afirma que:

O termo ‘anti-herói’ é enganador e pode induzir a alguma confusão. Por isso, é bom deixar bem claro, de saída, que um anti-herói não é o oposto de um Herói, mas um tipo especial de Herói, alguém que pode ser um marginal ou um vilão, do ponto de vista da sociedade, mas com quem a plateia se solidariza, basicamente. E nos identificamos com esses marginais porque todos nós, uma ou outra vez na vida, nos sentimos marginais.

A jornada do Explorador na narrativa demonstra também o início da formação da personalidade do Fora-da-Lei ou do Anti-Herói no momento em que James dá um soco no rosto do pai, rouba o seu carro e foge com Alyssa.

<sup>2</sup> Estilo de narração ou diálogo que se sobrepõe à imagem de forma não diegética, não alterando o conteúdo narrativo da cena, mas sim o dramático.



Em um segundo momento da narrativa, especificamente no segundo episódio, o Fora-da-Lei retorna à personalidade dos protagonistas, dessa vez em Alyssa, que, após comer em um restaurante e sem dinheiro para pagar a conta, ela convence James que “a única regra é nunca roubar de uma lojinha ou de um restaurante pequeno”, fugindo sem pagar a conta.

No terceiro episódio da primeira temporada, encontra-se o ápice do Fora-da-Lei na personalidade dos jovens na narrativa. Nesse momento, ambos invadem uma casa para passar a noite, no entanto, o dono da casa retorna e, ao encontrar Alyssa dormindo em sua cama, tenta estuprá-la. James então a mata para defendê-la.

Após matar o dono da casa que estupraria Alyssa, ambos limpam a cena do crime e fogem. A partir desse acontecimento, a trama se torna mais rápida e ágil, pois a polícia descobre o crime e inicia uma busca pelos jovens.

Cabe ressaltar que a necessidade de matar do arquétipo da Sombra, em James, torna-se realidade quando ele ultrapassa a figura do Anti-Herói para o arquétipo do Sombra. Vogler (1998) pontua que algumas Sombras podem passar por um processo de redenção e se converterem em forças positivas. Uma das mais impressionantes figuras de Sombra na história do cinema, *Darth Vader*, da série *Guerra nas estrelas*, acaba se revelando, em *O retorno de jedi*, como o pai do herói. Toda sua maldade, no fim, é perdoadada e ele se transforma em uma figura benigna, de fantasma, velando sobre o filho. Também no filme *O Exterminador do futuro 2: o julgamento final* se nota uma evolução e o protagonista deixa de ser uma máquina de matar, voltada para destruir heróis, para tornar-se um mentor protetor de heróis.

Dessa forma, James, ao ver o dono da casa morto, entende que sua vontade interna de matar não era realmente algo que ele desejava e se vê desesperado com a situação,

demonstrando remorso. Nessa ocasião, James se afasta dos aspectos psicológicos negativos da Sombra e deixa de lado o desejo de matar Alyssa ou qualquer outro ser humano.

Ainda considerando o arquétipo do fora-da-lei, no episódio seis, Alyssa e James assaltam um posto de gasolina, prendendo a dona do estabelecimento no banheiro e fugindo.

FIGURA 2: James tranca a dona de posto de gasolina no banheiro com ajuda de Alyssa



Fonte: Netflix (2017)

O arquétipo do Fora-da-Lei é comum em narrativas audiovisuais. Mark e Pearson (2017) declaram que, na grande tela, quebrar as regras é visto pelo público como um ato de libertação, como em *O poderoso chefão*, *Bonnie e Clyde*, *Os bons companheiros* ou *De olhos bem fechados*: filmes e narrativas que faturam pela simples atratividade de comportamentos criminosos ou proibidos.

Outro arquétipo presente na narrativa é o Amante. Em relação a esse fato, Mark e Pearson (2017, p. 186) afirmam que “o arquétipo do Amante governa todos os tipos de amor humano, desde o amor parental e a amizade até o amor espiritual, mas é da maior importância para o amor romântico”. Ele é inicialmente visível na personalidade de Alyssa em relação a James. Segundo Mark e Pearson (2000), o desejo básico do Amante é conseguir intimidade e experimentar o prazer sexual.

Durante o decorrer da narrativa, Alyssa tenta fazer com que James relacione-se



sexualmente com ela, trazendo assim o Amante como desejo sexual. Vogler (1998) pondera que a função desse arquétipo como mentor sexual centra-se no propósito de nos iniciar nos mistérios do amor e do sexo.

No episódio três, Alyssa pede para que James dance com ela e, quando começa a vê-lo dançando, em *voice over* se ouve a protagonista pensando: “eu acho ele tão bonito, mas ele nunca vai fazer nada então...” e o beija, e ele retribui seu beijo.

FIGURA 3: Alyssa e James se beijam



Fonte: Netflix (2017)

Após esse momento, Alyssa tenta fazer sexo com James e, percebendo seu desconforto, ela se irrita e sai da casa. A partir desse acontecimento, o arquétipo do Amante se instala em James, que pega flores no jardim para Alyssa.

As flores e a dança são símbolos arquetípicos dos amantes e, conforme afirmam Mark e Pearson (2017), o Amante é o reino dos corações e das flores, das longas caminhadas numa praia ao pôr-do-sol, das danças.

Contudo, ao matarem o dono da casa, limparem o local e fugirem, Alyssa fica com receio da presença de James, fugindo e, dessa forma, deixando-o sozinho. Separados, eles se apropriam do medo básico do arquétipo do Amante, como proposto por Mark e Pearson (2017, p. 186), pois o “medo do Amante é ficar

sozinho, ser indesejado e não ser amado”. Provando desse medo essencial dos amantes, ambos voltam para o lugar onde se separaram e se reencontram, voltando a sua jornada inicial em busca do paraíso.

No final do sexto episódio da série, os protagonistas chegam ao lugar esperado e encontram o que é almejado no início da série sob o arquétipo do Inocente e seu desejo básico – a busca pela felicidade e pelo paraíso. Alyssa chega à casa do pai, que a recebe junto com James. O pai de Alyssa se mostra amoroso e receptivo, e James, sob o arquétipo do Amante, começa a sentir ciúmes da proximidade da menina com o pai.

Aos 18 minutos do sétimo episódio da série, Alyssa descobre que o pai é divorciado e tem um filho. Seu progenitor se rebela e a deixa sozinha com James em um bar. A partir dessa situação, ocorre uma desconstrução do arquétipo do Inocente.

Vogler (1998) discorre que a recusa ao chamado inicial (na série, o desejo de matar de James e a busca do paraíso por Alyssa), a princípio, alude a experiências que os tornaram mais tristes, porém mais sábios, e que é delicioso assistir à relutância sendo superada, uma vez que, quanto mais obstinada é a sua recusa, mais o público se deleita em vê-la vencida.

FIGURA 4: Pai de Alyssa abandona os jovens em um bar



Fonte: Netflix (2017)





A recusa ao paraíso faz com que o arquétipo do Amante retorne a ambos nesse momento. No início do último episódio, é possível ver a figura mítica dos jovens apaixonados na praia à luz do luar quando Alyssa consegue enxergar em James o seu paraíso, fluindo os arquétipos do Inocente e do Amante.

Alyssa, contrariada pelo pai e vendo em James seu único paraíso, decide voltar para a casa de seu pai e roubar o seu barco para fugir com James pelo mar. Nessa ocasião, a jornada do Explorador se encerra sob a perspectiva do último arquétipo presente no enredo da narrativa, o arquétipo do Herói.

FIGURA 5: Alyssa e James se beijam e dormem na praia



Fonte: Netflix (2017)

Campbell (1997, p. 18) afirma que:

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes

Nos minutos finais da narrativa, quando Alyssa retorna à casa de seu pai para roubar o barco, os jovens são abordados por uma policial, que tenta levá-los à delegacia prometendo ajuda, já que naquele dia James completa 18 anos e pode responder pelos crimes como adulto. Desconfiada, Alyssa pega a arma do pai e bate na policial, que desmaia.

Alyssa apanha a chave do barco e corre para a praia, mas o reforço policial chega e, ao ver a situação sem possibilidade de salvação, James se torna o herói de Alyssa, pedindo para que a garota diga à polícia que ele a sequestrou. Diante da recusa da garota, o protagonista pega a arma de sua mão, bate em seu rosto com ela e corre, fingindo tê-la sequestrado para que ela não arque com as consequências.

Mark e Pearson (2017, p. 115) destacam que:

O Herói se fortalece com o desafio, se sente ultrajado pela injustiça e responde rápida e decisivamente à crise ou à oportunidade [...]. São os protetores instintivos das pessoas a quem vêem como inocentes, frágeis ou legitimamente incapazes de ajudar a si mesmas (pense no Herói que salva a donzela em perigo).

O último arquétipo presente na série é o Herói que se manifesta em James, que tenta “salvar” sua donzela em perigo, em um último e extremado ato para ajudá-la. A série conclui assim a jornada do Explorador, vista através de *flashbacks* de momentos da narrativa televisiva e do *voice over* de James que diz: “eu fiz 18 anos, e finalmente entendi o que as pessoas significam umas pras outras”. Ao final do *voice over* e *flashbacks*, há uma cena que mostra Alyssa ajoelhada no chão, sendo segurada pelos policiais, enquanto grita para que James pare. Ele aparece de costas, correndo, com a praia ao fundo, até que se ouve um tiro, que supomos ter alvejado James, e a tela fica escura.

## CONCLUSÃO

Durante toda narrativa da série *The end of the f\*\*\*ing world*, é possível compreender e acompanhar uma jornada de dois adolescentes em busca do chamado à aventura e à autocompreensão. A série traz no roteiro um arquétipo fixo do Explorador externo e interno. Para compreender a exploração interna dos





protagonistas, o recurso do *voice over* se mostra eficiente e importante, pois, a partir do ato de ouvir os pensamentos, os espectadores conseguem entender a ironia da série e, principalmente, o que se passa internamente nos jovens.

Embora o Explorador seja o arquétipo fixo do roteiro e da narrativa, o Fora-da-Lei ou o Anti-Herói acaba por permear grande parte da série e ser, em quase toda a jornada do explorador, o arquétipo principal da personalidade dos protagonistas. Contudo, faz com que os espectadores se envolvam ainda mais com os jovens, uma vez que, enquanto a série nos apresenta Alyssa e James sob a ótica do Fora-da-Lei, mostra-nos também seus medos, seus anseios e seus passados sombrios, dando explicação de por que aqueles jovens estão em busca de si mesmos.

Ao final da série, com a passagem dos protagonistas para os arquétipos do Amante e do Herói, a narrativa se torna intensa e, a partir desse momento, fica evidente a mutabilidade arquetípica presente na série, que se inicia pela jornada do Explorador, passando pelo Inocente, a Sombra, o Fora-da-Lei, os Amantes e finalizando com o Herói. Além disso, é perceptível, também, a importância dessa mutabilidade na série, para que dessa forma ela prenda a atenção e faça com que nós, espectadores, façamos parte da série, adentrando o mundo da narrativa audiovisual, ora sendo Alyssa, ora James.

A ficção, nesse sentido, seja de que tipo for (romanesca, teatral, cinematográfica) possibilita que o espectador ou leitor vivencie outras vidas além da sua própria, retirando-o, ainda que momentaneamente, do lugar comum, da monotonia e da mesmice diária.

## REFERÊNCIAS

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. 10. ed. São Paulo: Cultrix; Pensamento, 1997.

ENTWISTLLE, J. **The end of the f\*\*\*ing World**. 1.ª temporada (160min). Distribuição: Channel 4 / All 4 / Netflix, 2017.

JUNG, C G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

PEASON, C. MARK, M. **O herói e o fora da lei: como construir marcas extraordinárias utilizando o poder dos arquétipos**. Tradução de Merle Scoss. São Paulo: Cultrix, 2017.

RANDAZZO, S. **A criação de mitos na publicidade: como publicitários usam o poder do mito e do simbolismo para criar marcas de sucesso**. Tradução de Mario Fondelli. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

VOGLER, C. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. Tradução de Ana Maria Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

### Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

DALAGO, R.; AVILA, A. M.; BOTOSO, A. Do roteiro aos protagonistas: A mutabilidade arquetípica da série *The End of the F\*\*\*ing World*. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana/MS, n. 4, p. 33-41, 2017.



## NARRAÇÃO E DISSIMULAÇÃO DO DISCURSO HOMOERÓTICO EM "PÍLADES E ORESTES", DE MACHADO DE ASSIS, E "AQUELES DOIS", DE CAIO FERNANDO ABREU

Rodrigo Ramos

*Universidade Federal do Amazonas*

Adriana Aguiar

*Universidade Federal do Amazonas*

### RESUMO

O presente artigo traz para o cerne da sua problemática a forma como o homoerotismo masculino aparece nos contos *PílaDES e Orestes* (1994), de Machado de Assis, e em *Aqueles dois* (2016), de Caio Fernando Abreu. Pretende-se analisar como a temática homoerótica é desenvolvida nas narrativas em tela, concentrando-se, principalmente, nos narradores, e buscando contrastar as particularidades de cada um. Valemo-nos das diretrizes teóricas de Georges Bataille, em *O Erotismo* (1987), e de Mario César Lugarinho (2001) e Judith Butler (2000), em seus estudos sobre a Teoria *Queer*, na tentativa de compreender o desencadeamento do homoerotismo em dois pontos cruciais que estão para além dos acontecimentos narrados nos contos: a busca incessante das personagens pela inalcançável continuidade e o debate sobre a natureza das questões sociais de gênero. Por fim, percebemos que as relações homoeróticas são insinuadas nas duas narrativas, mas não reveladas. Os jogos narrativos e a *habilidade* desses dois escritores da literatura brasileira transferem ao leitor a responsabilidade da interpretação do tema homoerótico nos contos. Todavia, só podemos afirmar que essa expectativa se revela porque há, no discurso narrativo, algo que oferece ao leitor essa possibilidade.

**Palavras-chave:** Erotismo. Teoria *Queer*. Homoerotismo.

### ABSTRACT

The present article brings to the heart of its problematic the way in which masculine homoeroticism is proposed in the short stories *PílaDES e Orestes* (1994), by Machado de Assis, and in *Aqueles dois* (2016) by Caio Fernando Abreu. It is intended to analyze how the homoerotic theme is developed within the narratives, concentrating mainly on the narrators, and seeking to contrast the particularities of each one. We are going to use the theoretical guidelines of Georges Bataille, in *The Eroticism* (1987), and Mario César Lugarinho (2001) and Judith Butler (2000), in their studies on *Queer Theory*, so that one may understand the triggering of homoeroticism in two crucial points that are beyond the events narrated in the short stories: the incessant search of the characters for the unreachable continuity and the debate on the nature of the social issues of gender. Finally, we noted that homoerotic relations are insinuated in the two narratives, but not revealed. The narrative games and the ability of these two writers of Brazilian literature transfer to the reader the responsibility for interpreting the homoerotic theme in the short stories. However, it is possible to affirm that the expectancy is revealed because there is, in narrative discourse, something that offers the reader this possibility.

**Keywords:** Eroticism. *Queer Theory*. Homoeroticism.



**Rodrigo Ramos** é graduando em Licenciatura Plena em Letras - Língua e Literatura Portuguesa.  
E-mail: rodrigofeliperamos@gmail.com

**Adriana Aguiar** é professora assistente de Literatura da UFAM.  
E-mail: adrianaguiaerodrigues@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Um dos fatores que não se pode desvincular dos contos *Píldes e Orestes* (1994) e *Aqueles dois* (2016) para a compreensão de suas particularidades narrativas e discursivas é o contexto em que foram publicados, pois as narrativas estão profundamente relacionadas às problemáticas sociais sobre a homossexualidade. Machado de Assis, com seu narrador supostamente imparcial, em um conto publicado no livro *Relíquias de Casa Velha* (1906) na primeira década do século XX – período esse em que a homossexualidade era entendida ainda como patológica, revela um discurso dissimulado em *Píldes e Orestes*. A narrativa é conduzida de modo que o homoerotismo é disfarçado como subtema. Em Caio Fernando Abreu, há um narrador imparcial, porém também dissimulado, que desenvolve na narrativa de *Aqueles dois* um homoerotismo mais perceptível, mas também não afirmado diretamente. *Aqueles dois* veio a público em 1985, com a publicação de *Morangos Mofados* durante o regime militar brasileiro, período de grande repressão e censura à liberdade sexual.

Machado de Assis, seja em seus contos ou romances, brinca com os preconceitos e dogmas dos leitores e assim o faz em *Píldes e Orestes*. Não se pode afirmar a existência da relação factual entre Quintanilha e Gonçalves, mas vestígios são deixados ao leitor, que pode admitir, ou não, o envolvimento homoerótico entre as personagens. A trama constitui-se partindo da fragilidade e da falta de autonomia de Quintanilha, que, no decorrer da narrativa,

anula-se até seu próprio fim. A morte emblemática de Quintanilha dá um suposto fim às suspeitas do leitor sobre o homoerotismo entre os amigos Quintanilha e Gonçalves, pois a narrativa volta-se para a questão do futuro da herança de Quintanilha e deixa a relação homoerótica implícita. Esse jogo dissimulado, reforçado muitas vezes pelo narrador, que diz sem dizer diretamente, camufla e, conseqüentemente, mostra a posição secundária do tema homoerótico no conto.

Sendo o homoerotismo disfarçado em *Píldes e Orestes*, conto do início do século XX, esperar-se-ia que quase um século mais tarde a temática homoerótica ganhasse espaço e vencesse o silenciamento. Mas a expectativa de que o passar de quase um século traria alguma evolução às questões do *queer* na sociedade não podem ser confirmadas se observado como a problemática homoerótica é tratada no conto de Caio Fernando Abreu. Em *Aqueles dois* (ABREU, 2016), novamente se encontra uma relação homoerótica dissimulada, apesar de mais perceptível. O envolvimento persistente entre Raul e Saul enfrenta a esmagadora intolerância do âmbito corporativo. Assim como em *Píldes e Orestes*, sustenta-se em *Aqueles dois* uma suposta amizade entre as personagens principais. Mas é a dissimulação do discurso homoerótico que eminentemente relaciona ambas as narrativas e, mais ainda, permite que se faça uma reflexão sobre a finalidade de ocultar as possíveis relações homoeróticas nos contos.

Os sujeitos não heteronormativos são habitualmente marginalizados em todos os contextos, sobretudo no âmbito social, e, por conseguinte, na literatura. Não é sem propósito que a violência e a repressão são temas implícitos tanto em *Píldes e Orestes* quanto em *Aqueles dois*. Pensando nessa problemática, verificou-se a necessidade de um estudo comparativo entre os dois contos, que leva em consideração, fundamentalmente, o tema



homoerótico e sua representação em ambas as narrativas.

Para realizar a análise proposta, partimos de um pensamento filosófico, embasado por Bataille (1987), que nos auxiliará na percepção do jogo erótico nas entrelinhas dos contos. Baseada nas evidências eróticas percebidas, será proposta uma reflexão sobre as questões de gênero e a quebra socialmente traumática do modelo heteronormativo enraizado na sociedade do século XX. Para tanto, faz-se necessário que lancemos mão de uma teoria que toma como objeto de reflexão a constituição da identidade e o posicionamento social do homossexual, a Teoria *Queer*, sendo abordada neste artigo pelos estudos de Judith Butler (2000) e Mario Cesar Lugarinho (2001).

## 1 O EROTISMO E O QUEER

Georges Bataille (1987) engendra, com sua filosofia sobre o erotismo, a reflexão sobre a busca (inalcançável) pela continuidade perdida e pela superação da insuportável solidão do ser. O incômodo do exílio da individualidade destina-nos à criação de paixões e nos leva à nostalgia da continuidade perdida. Para Bataille (1987), o erotismo não possui relação direta com as relações sexuais, é mais que isso, revela a busca psicológica pela continuidade por meio das transgressões. O filósofo define o processo de aceite da descontinuidade inerente ao ser:

Somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida. Não aceitamos muito bem a ideia que nos relaciona a uma dualidade de acaso, à individualidade perecível que somos. Ao mesmo tempo que temos o desejo angustiado da duração desse perecimento, temos a obsessão de uma continuidade primeira que nos une geralmente ao ser (BATAILLE, 1987, p. 12).

Tendo consciência de que a categoria de erotismo pensada por Bataille (1987) diz

respeito aos processos puramente humanos de superação de frustrações intrínsecas à própria existência, o propósito de nos valermos do erotismo como conceito para o desenvolvimento da análise dos contos, neste artigo, dá-se pela convicção de que o escritor, enquanto subjetividade criadora, concebe reflexos de realidades específicas, e essas realidades narradas podem também repercutir as complexidades das instâncias eróticas na literatura. Como o erotismo não depende das características biológicas ou de gênero dos indivíduos envolvidos em uma relação, pode-se analisar o homoerotismo masculino representado nas narrativas evidenciando o jogo erótico encoberto pelo narrador e silenciado nas palavras das personagens.

Mesmo que os contos *Píldes e Orestes e Aqueles dois* possam levar-nos a inúmeras interpretações quanto aos seus possíveis sentidos, se restringíssemos o estudo aqui proposto a apenas perceber o homoerotismo, por meio da filosofia de Bataille (1987), não poderíamos alcançar o debate sobre a questão social do *queer*, representada nos dois contos. Além disso, sabe-se que o erotismo, mesmo sendo um fenômeno comum a todos os seres humanos, quando decorre de relações homossexuais, pode causar, como se percebe nos contos, estranheza e/ou repulsa a quem observa. Pensando nessa questão, propõe-se uma complementaridade teórica: para além da identificação de evidências homoeróticas, serão pensadas as condições do *queer* nos contos, de acordo com a perspectiva da Teoria *Queer*.

A Teoria *Queer* desvincula-se do binarismo da teoria dos gêneros e cria autonomia, reconstruindo a visão sobre a orientação sexual, identidade sexual e sexualidade biológica. A Teoria pretende demonstrar o lugar do *queer* na sociedade, considerando as diversas variabilidades sociais, étnicas, nacionais etc., sem tentar promover uma polarização globalizante do discurso (LUGARINHO, 2001). Os papéis instituídos socialmente limitam a



natureza individual de cada um e se mostram por meio da performatividade desempenhada por todos os integrantes das sociedades.

## 2 NARRADORES DISSIMULADOS E EVIDÊNCIAS DO HOMOEROTISMO

Tão importante quanto identificar as evidências marcadas nos contos é perceber a singularidade de cada um no que concerne às características narrativas. Em *Pílades e Orestes* (ASSIS, 1994), apesar de o narrador tecer muitos comentários, as personagens frequentemente têm espaço de fala, o que não é tão comum em *Aqueles dois* (ABREU, 2016). No conto de Caio Fernando Abreu, a maior parte da narrativa é enunciada pelo narrador onisciente, a ponto de, em alguns momentos, a sua narração confundir-se com as falas das próprias personagens.

Em *Pílades e Orestes*, o ponto de partida que possibilita o início do aspecto homoerótico é a condição de Quintanilha. A insegurança do personagem e a sua carência de felicidade são reveladas desde o início do conto. O narrador machadiano, com sua singular perspicácia, tece um comentário enigmático logo no início do conto sobre o estado espiritual de Quintanilha: “não se pode dizer que Quintanilha fosse inteiramente feliz, como vais ver” (ASSIS, 1994, p. 44). A narrativa desenvolve-se a partir desse argumento, pois é através da insegurança e dependência de Quintanilha por Gonçalves que o conto começa a ganhar seu caráter ambíguo e abre precedentes para a percepção de uma relação homoerótica.

O narrador machadiano não se prende a descrições narrativas quando se refere aos amigos Quintanilha e Gonçalves. Ele exhibe as sombras de suas intenções em seus comentários, corroborando para a imaginação de uma relação entre os dois amigos, que vai para além de uma simples amizade, como se vê no trecho:

A vida que viviam os dois era a mais unida deste mundo. Quintanilha acordava, pensava no outro, almoçava e ia ter com ele. Jantavam juntos, faziam alguma visita, passeavam ou acabavam a noite no teatro. Se Gonçalves tinha algum trabalho que fazer à noite, Quintanilha ia ajudá-lo como obrigação (ASSIS, 1994, p. 45).

Além da questão que nos incita a suspeitar da natureza da relação dos dois, percebe-se novamente a passividade de Quintanilha em relação a Gonçalves, já que o primeiro ajudava o segundo “como obrigação”. E com o decorrer da narrativa acaba-se por entender que a passividade e subalternidade de Quintanilha moldam-no para ser o personagem que mais põe em xeque os padrões de heteronormatividade das relações entre homens. É dele que emerge a paixão e a dedicação para com o outro. Logo em seguida, no mesmo parágrafo, o narrador traz-nos a informação de que “às vezes, na Rua do Ouvidor, vendo passar as moças, Gonçalves lembrava-se de uns autos que deixara no escritório” (ASSIS, 1994, p. 45). Mesmo com essa indicação cínica sobre o desinteresse de Gonçalves pelas moças, no decorrer da narrativa, tudo indica que Gonçalves estaria mais interessado no dinheiro de Quintanilha, e apenas Quintanilha estaria envolvido pelo amigo de alguma forma.

Até aqui, puderam-se verificar traços do homoerotismo reforçado pelo discurso do narrador ambíguo. Mas há ainda, além das indicações do narrador, na interação entre os dois personagens, o erotismo. Um caso em que se vê marcado o processo erótico é a reação de Quintanilha depois de não ter conseguido agradar o amigo com o quadro dos dois que mandou fazer: “vexado e aborrecido, olhava para a tela, até que sacou de um canivete e rasgou-a de alto a baixo. Como se não bastasse esse gesto de vingança, devolveu a pintura ao artista [...]” (ASSIS, 1994, p. 46). Quintanilha transfere sua fúria de Gonçalves para a tela e,





de fato, faz com a pintura o que tem vontade de fazer com Gonçalves.

Bataille (1987) estabelece três formas de erotismo: o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o erotismo sagrado. O ato de violência como reação de Quintanilha, contra a pintura, revela o furor do erotismo dos corações. Sobre a origem da exaltação violenta de Quintanilha pode-se considerar, se há um princípio de paixão, que:

[...] Se o amante não pode possuir o ser amado, algumas vezes pensa em matá-lo: muitas vezes ele preferiria matar a perdê-lo [...]. O que está em jogo nessa fúria é o sentimento de uma continuidade possível percebida no ser amado [...] (BATAILLE, 1987, p. 15).

Quintanilha mostra-se sempre disposto a servir Gonçalves, mas se decepciona quando percebe que o amigo recusa sua tentativa de maior aproximação. A tela representaria uma fusão momentânea, a imagem seria a realização visual da união aparentemente desejada por Quintanilha.

Em *Aqueles dois*, Raul e Saul são dois rapazes que passam a trabalhar juntos e tornam-se amigos. E mais uma vez encontra-se o discurso homoerótico dissimulado pelo narrador, mas agora em Caio Fernando Abreu. Por meio de comentários, o narrador conduz dubiamente a narrativa, explorando a sensibilidade do leitor para as questões subentendidas. Pode-se verificar esse jogo de desfaçatez no comentário feito pelo narrador após a descrição física de Raul e Saul: “como se houvesse, entre aqueles dois, uma estranha e secreta harmonia” (ABREU, 2016, p. 142). Observando-se estruturalmente que a harmonia aludida pelo narrador possui certo grau de estranheza, pela escolha do artigo indefinido “uma” e do adjetivo “estranha”, e um mistério apresentado pelo adjetivo “secreta”, percebe-se que o vínculo entre as personagens transpassa os limites de uma amizade comum.

O clímax do conto ocorre em uma cena tão poética quanto erótica. Após a bebedeira da noite do dia 31, Saul passa a noite na quitinete de Raul. A sensibilidade com que o narrador trata o episódio é surpreendente se notado o jogo de imagens que utiliza para descrever a cena:

Deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupa, outro no sofá. Quase a noite inteira, um podia ver a brasa acesa do cigarro do outro, furando o escuro feito um demônio de olhos incendiados. Pela manhã Saul foi embora sem se despedir, para que Raul não percebesse suas fundas olheiras (ABREU, 2016, p. 147).

O erotismo revela-se sobre o nudismo dos corpos. Os corpos não se tocam, mas ensaiam a concretização dos desejos contidos. As personagens veem a brasa não somente dos cigarros acesos, mas do próprio desejo, da busca pela continuidade. Para Bataille (1987, p. 14), “a nudez se opõe ao estado fechado, isto é, ao estado de existência descontínua. É um estado de comunicação que revela a busca de uma continuidade possível do ser para além do voltar-se sobre si mesmo. Os corpos se abrem para a continuidade [...]”. Há nas brasas dos cigarros o fulgor do desejo, o anseio de continuidade, nesse caso uma busca demoníaca em sentido emblemático, pois existe/resiste o estigma que persegue e recai sobre as personagens homossexuais e as impede de consumir seus desejos.

O fato já citado de o narrador onisciente de *Aqueles dois* algumas vezes poder ter suas falas confundidas com as das próprias personagens, como quando usa “à nossa amizade” como se se incluísse em meio à realidade narrada. Após isso, volta a narrar em terceira pessoa: “foi na noite de 31, aberto o champanhe na quitinete de Raul, que Saul ergueu e brindou à nossa amizade que nunca vai terminar. Beberam até quase cair” (ABREU, 2016, p. 147) – o que indica uma diferença entre o narrador machadiano e o narrador de *Aqueles dois*.



Enquanto o narrador machadiano dá-nos pistas sobre o homoerotismo ao passo que muda o foco problemático em uma tentativa de desfocar o leitor desatento da temática estigmatizada da homossexualidade, o narrador de *Aqueles dois* posiciona-se, em muitos momentos, a favor de Raul e Saul. Ao final do conto, o narrador de Caio Fernando Abreu promove uma catarse, garantindo a infelicidade daqueles que articularam o complô para a demissão dos amigos da repartição, como argumenta Júnior (2006, p. 47) sobre o fim dado por Caio Fernando Abreu: “a infelicidade, pois segundo o ficcionista, é a condição inevitável daqueles que optam por atitudes de discriminação”.

### 3 REFLEXÃO SOBRE OS PAPÉIS SOCIAIS

Assumindo que os papéis de gênero são criações sociais preestabelecidas, pode-se verificar que essas instâncias reguladoras, identificadas sob a perspectiva de Judith Butler (2000), repercutem também nas narrativas analisadas anteriormente. Os quatro personagens são alvos de gozação e escárnio por se afastarem do ideal regulador do gênero masculino, por se distanciarem das expectativas heteronormativas que regulam o comportamento e estabelecem padrões simbólicos na sociedade. Os dois contos tratam de relações homoeróticas masculinas, que, mesmo não ditas, podem ser percebidas.

O sexo é uma das normas pelas quais o “alguém” torna-se viável, é aquilo que qualifica um corpo, desde o seu nascimento, para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2000). Ao nascermos, segundo esse raciocínio, estamos involuntariamente condicionados a uma viabilidade que dependerá do próprio destino biológico. O sexo não só nos define fisicamente, mas também designa, culturalmente, papéis sociais aos indivíduos.

Encontra-se, entre as narrativas, certa semelhança sobre as condições às quais as

personagens são dispostas, Quintanilha e Gonçalves, Raul e Saul: todos sofrem, em intensidades diferentes, o peso da cobrança social de uma performatividade heteronormativa. Em *Pílades e Orestes* (ASSIS, 1994), o julgamento social e a percepção da relação entre os dois rapazes mostram-se por meio da impressão de dois personagens trazidos pelo narrador: “uma senhora chamava-lhes os ‘casadinhos de fresco’, e um letrado, Pílades e Orestes” (ASSIS, 1994, p. 46). Consideramos essa passagem fundamental para o entendimento da natureza da relação dos protagonistas do conto. Principalmente porque a expressão “casadinhos de fresco”, à época, era utilizada para se referir a recém-casados. Portanto, nisso se demonstra, em nossa percepção, o sinal mais contundente de um homoerotismo no conto.

A proximidade entre Quintanilha e Gonçalves é percebida e classificada pelos que os observam e, ao se afastarem do que seria uma proximidade aceitável entre dois homens, passam a ser alvo de denominações. O caminho trilhado pelo narrador não nos permite perceber aspectos de repressão promovidos pelas denominações. O ideal regulador, que determina o comportamento ideal dos amigos, age por meio das denominações. As analogias feitas sobre os dois amigos, além de enfatizarem a questão homoerótica, revelam a sutileza da criação de um estereótipo.

Em *Aqueles dois* (ABREU, 2016), as analogias feitas por personagens secundários mostram mais do que uma pista da existência do homoerotismo. As atitudes de Raul e Saul são observadas pelos outros funcionários da repartição. A proximidade dos dois e a recusa aos olhares femininos logo causa estranheza a todos os colegas de trabalho. Raul e Saul passam a ser perseguidos e coibidos por seus comportamentos, que fogem aos papéis de gênero tradicionais. As cartas anônimas que denunciavam a relação homossexual entre os dois definiam-lhes como “desavergonhada



aberração” (ABREU, 2016, p. 147). Considerando que as cartas enviadas ao chefe da repartição pelos funcionários culminaram na demissão de ambos, percebe-se que a cisão com os padrões de comportamento socialmente criados resulta, muitas vezes, na intolerância e na opressão.

A morte de Quintanilha define o desfecho da narrativa e revela a impossibilidade de realização do envolvimento efetivo entre as personagens. A união negada por meio da morte demonstra a complexidade e o estigma criados sobre a orientação sexual que foge aos ideais heteronormativos. Se Machado optou por dar esse fim ao conto, não o fez sem propósito. Por meio da suposta negação do homoerotismo, a leitura do conto faz-nos pensar sobre as motivações da desfaçatez do narrador e refletir sobre os fatores sociais que subjugam e recriminam o *queer*. Em *Aqueles dois* (ABREU, 2016), apesar de Raul e Saul serem demitidos, o narrador não os deixa desamparados e trata de conferir a infelicidade aos acusadores anônimos da repartição. No conto de Caio Fernando Abreu, o peso da intolerância é evidente, o reconhecimento da fuga dos modelos socialmente aceitáveis rapidamente desencadeia a demissão arbitrária.

Se não se pode afirmar, deve-se ao menos admitir que o envolvimento homoerótico das personagens em ambas as narrativas é insinuado, mesmo sendo mascarado por jogos narrativos. A dissimulação do discurso homoerótico ocorre em níveis diferentes. Enquanto em *Pílades e Orestes* (ASSIS, 1994) as indicações são sutis e irônicas, em *Aqueles dois* (ABREU, 2016), o tema homoerótico é mais nítido. O fato é que os papéis sociais incidem na limitação da expressão individual, motivam a violência e firmam a repressão sobre a subjetividade do homossexual e de qualquer outra forma de expressão que fuja aos ideais reguladores exigidos pela sociedade.

Mesmo sabendo que os motivos da escolha dos escritores por uma narração dissimulada possam originar-se em consequência de estigmas sociais que mantêm a marginalização do *queer* em ambos os momentos históricos de publicação – *Pílades e Orestes* em 1906 e *Aqueles dois* em 1985, tem-se, aqui, a consciência de que, para o jogo erótico ser concebido, é necessário que se realize em meio ao subentendido, pois o erotismo dá-se essencialmente pelo desejo e não por sua concretização. E é nessa atmosfera misteriosa e cheia de não ditos que as lacunas nas narrativas são deixadas, dando ao leitor a liberdade de preenchê-las e interpretá-las.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. *Aqueles dois*. In: ABREU, Caio Fernando. **Morangos Mofados**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 139-148, 2016.
- ASSIS, Machado de. *Pílades e Orestes*. In: **Relíquias de Casa Velha**. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/contos/macn007.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2017.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. por Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- JÚNIOR, Luiz. **Caio Fernando Abreu: narrativa e homoerotismo**. 2006. 262 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto: UNESP. 2006.
- LUGARINHO, Mario César. *Como traduzir a teoria queer para a Língua Portuguesa*. **Revista**



**Gênero**, Niterói, v. 1, n. 2, p. 36-46, 2001.

Disponível em:

<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/362>. Acesso em: 25 jun. 2017.

**Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)**

RAMOS, R; AGUIAR, A. Narração e dissimulação do discurso homoerótico em "Pílades e Oreste", de Machado de Assis, e "Aqueles dois", de Caio Fernando Abreu.

**Revista Primeira Escrita**, Aquidauana/MS, n.4, p. 42-49, 2017.



## OS CAMINHOS DA OBRA O ERMITÃO DA GLÓRIA, DE JOSÉ DE ALENCAR: UMA ANÁLISE FILOLÓGICA

Jessica dos Santos Barbosa  
*Universidade de São Paulo*

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo contrastar filologicamente quatro testemunhos da obra *O Ermitão da Glória*, de José de Alencar, estabelecendo como base a primeira publicação, de 1873, como a mais fidedigna. Fez-se necessário um recorte para a análise, que considera o primeiro capítulo dos quatro testemunhos, comparando mudanças por evolução de língua, sintaxe ou erros de edição, com o objetivo de apontar as variáveis que ocorreram ao longo da transmissão dessa obra, e até que ponto tais diferenças se distanciam do que foi escrito pelo autor. O cotejo dos textos confirmou a existência de problemas semânticos e estilísticos entre as edições, que explicitam a importância de um bom trabalho filológico durante o processo editorial, a fim de que um texto não perca sua genuinidade ao longo dos anos e das diferentes publicações que venha a ter.

**Palavras-chave:** José de Alencar. *O Ermitão da Glória*. Filologia. Variáveis. Erros.

### ABSTRACT

This paper has the objective to philologically contrast four testimonies of the literary work *O Ermitão da Glória*, by José de Alencar, establishing as a most credible base the first 1873 publication. It was necessary to establish a cut that considers the first chapter of the four testimonies, contrasting changes by language, syntax or editor's mistakes, with the objective to point in a philological scope the variables that occurred during the transmission of this work, to the point in which such differences distance themselves from what was written by the author. The collating of the texts confirmed the existence of both semantic and stylistic problems between issues, which explicit the value of a good philological work during the issuing process and, by doing so, not letting a text lose its genuineness as the years and editions come.

**Keywords:** José de Alencar. *O Ermitão da Glória*. Philology. Variables. Mistakes.

**Jessica dos Santos Barbosa** é Graduada em Letras – Português e Linguística – pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
E-mail: [jessica.santos.barbosa@usp.br](mailto:jessica.santos.barbosa@usp.br)





*O Ermitão da Glória* é uma obra pouco conhecida de José de Alencar, publicada pela primeira vez em 1873 pela editora Garnier, em livro intitulado *Alfarrábios, Chronica dos Tempos Coloniaes*. De acordo com uma exposição feita em 1977 pela Biblioteca Nacional, devido ao centenário da morte do autor, a obra possui um número pequeno de publicações, das quais utilizaram-se aqui quatro edições, a saber: a primeira, de 1873, pela editora Garnier, consultada em acervo especial da Biblioteca Florestan Fernandes, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; a de 1920, da mesma editora, disponível em Domínio Público; a de 1943, da Edições Melhoramentos e, por fim, a edição mais recente encontrada, de 1953, da editora Clube do Livro, disponível também em acervo não circulante da já citada Biblioteca Florestan Fernandes.

O objetivo deste trabalho é apresentar o percurso dessa obra sob um ponto de vista filológico a partir do cotejo de tais edições. A Filologia é uma ciência ainda pouco difundida, mas muito importante, pois, através de comprovações documentais, busca aproximar-se ao mais fidedigno texto de cada autor. Cambraia (2005, p. 01) afirma que “[...] um texto sofre modificações ao longo do processo de sua transmissão”. Prossegue comparando o processo de crítica textual à brincadeira telefone sem fio, na qual, em um círculo, cada pessoa é

responsável por repassar ao colega ao lado o que foi dito ao primeiro participante, e o resultado constantemente aponta para uma modificação do primeiro enunciado, muitas vezes chegando ao último membro da brincadeira uma mensagem totalmente diferente da original. O mesmo ocorre com frequência nos textos: o que sai do punho de um autor passa por modificações ao longo do tempo, desde erros cometidos por um copista (em caso de manuscritos antigos) ou pelo editor, até alterações que buscam “facilitar” a leitura, o que pode acabar alterando sua gênese.

A obra escolhida torna-se pertinente à realização de uma análise filológica por ter sido publicada pela primeira vez no século XIX, apresentando uma variação de aproximadamente 80 anos entre as edições aqui comparadas, além de ser um texto pouco explorado dentre a bibliografia do autor. Como tradição indireta<sup>1</sup>, considerou-se um manuscrito do autor que não diz respeito à obra em questão, mas pode apontar seu estilo de escrita.

Para a análise, utilizou-se neste artigo o método lachmanniano<sup>2</sup>, que propõe uma série de processos de levantamento de dados para crítica textual e comparação em busca de erros<sup>3</sup> nas edições de uma obra, destacando-se aqui dois deles, que são: a recensio [recensão], cuja

<sup>1</sup> Em Filologia, considera-se como aparato de estudo toda a tradição de uma obra, sendo esta dividida em tradição direta, ou seja, os diversos testemunhos da própria obra, que podem estar em manuscritos, folhetins, publicações impressas, entre outros, e em tradição indireta, que considera qualquer texto que auxilie a compreensão e que esteja relacionado à obra e/ou ao autor, como, por exemplo, cartas e rascunhos.

<sup>2</sup> O método lachmanniano, criado pelo filólogo alemão Karl Lachmann (1793-1851), propunha um conjunto de critérios para a edição de textos antigos, tendo como base cópias de manuscritos de obras cujos originais estivessem ausentes. Através da comparação desse material, buscava-se alcançar uma reconstituição do texto, do modo mais próximo possível ao original perdido

(SPAGGIARI, 2004, p. 30-32). Neste trabalho, fez-se necessária uma adaptação ao método, uma vez que não foram encontrados manuscritos da obra analisada, tomando-se como testemunho base a primeira edição publicada (já em versão impressa). Como foram utilizados apenas os dois primeiros princípios propostos por Lachmann, a recensão e a colação, a adaptação não trouxe prejuízo ao trabalho.

<sup>3</sup> Blecua (1983, p. 19-20) defende que os erros são comuns ao ato de escrever, podendo variar de acordo com a experiência do copista, além de suas condições materiais e psicológicas. A partir disso, estabelece quatro tipos de erros comuns ao processo de transmissão de textos, detalhados nesta página.



definição popular é “o conjunto de testemunhos de uma obra (recenseamento)” (SPAGGIARI, 2004, p. 33), que considera todo o material de transmissão de um texto, incluindo sua tradição direta e indireta, e a *collatio* [colação], definida como “o exame comparativo de todos os testemunhos que formam a tradição, em busca de afinidades ou relações que consintam estabelecer o seu parentesco” (SPAGGIARI, 2004, p. 33).

Para a etapa de recensão, fez-se um recorte que contrasta o primeiro capítulo das quatro edições escolhidas, nomeando-as, em ordem cronológica, por A, B, C e D. Para a colação, utilizou-se como testemunho base a primeira edição, publicada ainda com o autor em vida, sendo, por isso, possivelmente mais fiel ao texto original. Para a análise dos dados, recorreu-se aos conceitos propostos por Blecua (1983), que apontam os principais erros de edição, a saber: a adição, a subtração e a substituição de palavras ou frases. Destacaram-se ainda, ao longo do cotejo dos dados, mudanças de pontuação e de grafia, sendo a última motivada pelas evoluções do estado de língua a cada publicação, não havendo a sinalização de tais mudanças do editor ao leitor.

Ao final do trabalho, disponibilizou-se como anexo todos os dados levantados no cotejo dos testemunhos dentro do recorte proposto, destacando-se no corpo do trabalho apenas os mais relevantes. Apresenta-se, portanto, a análise com base nos conceitos acima explicados.

## 1 PONTUAÇÃO

Observou-se, por meio do processo de recensão, que o número mais frequente de mudanças nos dados levantados refere-se à

pontuação, em especial à adição de vírgulas feitas pela edição D, como nos dados a seguir:

**Quadro 1** - Adição de vírgulas

Edições A, B e C	Edição D
1.a) No tilhá sobre alva esteira de côco estava sentada uma linda morena	Na tilha, <b>sôbre alva esteira de côco</b> , estava sentada uma linda morena
1.b) E o moço que estava deitado na esteira, ergueu-se de golpe	E o moço, <b>que estava deitado na esteira</b> , ergueu-se de golpe

Fonte: BARBOSA (2017)<sup>4</sup>

Em ambos os exemplos, nota-se que a inserção de vírgulas adotada pela edição D cria aposto. De acordo com Cunha (2007, p. 155), “aposto é o termo de caráter nominal que se junta a um substantivo, a um pronome, ou a um equivalente destes, a título de explicação ou de apreciação”. Logo, a utilização de aposto nesses exemplos muda as orações semanticamente, uma vez que, em 1.a, as edições A, B e C expressam a ideia de um tilhá que estava sobre uma esteira de côco, diferenciando-o, possivelmente, de outros tilhás. Já na edição D, o aposto faz com que a informação entre vírgulas tenha caráter explicativo/informativo em relação ao substantivo tilhá, não sendo mais um elemento restritivo ou diferenciador, de modo que, se excluído da sentença, ela continue a fazer sentido.

Em 1.b, talvez o efeito fique mais claro: enquanto nas edições A, B e C a expressão “*que estava deitado na esteira*” indica a possibilidade de, havendo mais de um moço no local, o autor referir-se ao que estava deitado na esteira, a edição D, por sua vez, muda o sentido da sentença ao criar aposto, já que a informação entre vírgulas adquire sentido apenas explicativo, perdendo o restritivo visto nas primeiras edições.

<sup>4</sup> As tabelas foram criadas a partir do cotejo das edições explicitadas ao longo da pesquisa, cujas referências completas encontram-se ao final do trabalho.



## 2 ADIÇÃO

Blecua (1983) destaca como erro frequente entre as edições a adição de um fonema, o que muitas vezes seria motivado por uma assimilação do fonema anterior ou posterior na mesma sílaba. Esse tipo de erro também pode ocorrer por falha na digitação do editor. Apresenta-se, a seguir, um caso de erro por adição encontrado entre as edições aqui trabalhadas:

**Quadro 2** – Adição de fonemas

Edições A, C e D	Edição B
Do primeiro lanço viu o velho que para elle caminhava	Do primeiro lanço viu o velho <b>qu[i]</b> e para ele caminhava

Fonte: BARBOSA (2017)

## 3 SUBSTITUIÇÃO

### 3.1 De fonemas

Também são destacados por Blecua (1983) os casos de substituição de fonemas, presentes nos exemplos abaixo, possivelmente motivados por erro de digitação:

**Quadro 3** – Substituição de fonemas

Edições A, C e D	Edição B
3.1.a) Fraguras	<b>[i]</b> raguras
3.1.b) De pé	<b>[O]</b> e pé

Fonte: BARBOSA (2017).

### 3.2 De palavras

Ainda de acordo com Blecua (1983), também ocorrem casos de substituição de palavras inteiras, muitas vezes por outras usadas com a mesma frequência, ou com grafemas muito próximos ao original. Abaixo, um caso no qual ocorre tal permuta:

**Quadro 4** – Substituição de palavras

Edições A, B e C	Edição D
atirou-se à ponta da verga	<b>tirou-se</b> à ponta da verga

Fonte: BARBOSA (2017)

Aqui, nota-se mais um exemplo no qual um erro de edição pode gerar mudança de sentido. As edições A, B e C trazem a palavra atirou-se, sinônimo de lançar-se. Em contrapartida, na edição D, há um possível impasse: o editor pode ter cometido um erro de digitação, omitindo o fonema [a], que deveria estar em posição de ataque na primeira sílaba da palavra, ou ter substituído “atirou-se” por “tirou-se”, sendo a última uma variação informal de retirou-se. Em qualquer uma das hipóteses, o produto foi uma substituição de palavra, que conseqüentemente altera semanticamente a sentença, já que o vocábulo utilizado na edição D tem sentido de retirar-se, diferentemente do proposto com o uso de atirar.

## 4 GÊNERO

Há também uma ocorrência de mudança de gênero entre as edições, a saber:

**Quadro 5** – Alteração de gênero

Edições A, B	Edições C e D
No tilhá	Na tilha

Fonte: BARBOSA (2017)

A alternância entre “no” (preposição em + artigo definido masculino o) e “na” (preposição em + artigo definido feminino a) implica a mudança de gênero do substantivo que sucede ou um erro de concordância, uma vez que o português é uma língua com dupla marcação de gênero, sendo necessária a concordância entre um substantivo e o artigo que o acompanha.



Recorrendo ao dicionário de Rafael Bluteau (1789), possivelmente em uso nos tempos de Alencar, a palavra “tilha” traz marcação morfológica de gênero feminino. Logo, há novamente duas hipóteses para essa divergência entre as edições: o uso “*no tilhá*”, como substantivo masculino, pode ter sido uma escolha de Alencar, honrada nas primeiras publicações e ajustada nas seguintes pelos editores, ou pode ter ocorrido um erro de edição na primeira publicação, que se manteve na segunda, ambas da editora Garnier, sendo ajustado nas publicações posteriores, de outras editoras.

## 5 MUDANÇAS NO ESTADO DE LÍNGUA

O ajuste do estado de língua mostrou-se recorrente entre as edições analisadas. Outro dado importante na comparação entre textos é a história da língua, que pode ser acompanhada por registros escritos e suas atualizações. Nos dados aqui trabalhados, nota-se uma atualização a partir da edição C, de 1943, que se mantém na D, de 1953. As edições A e B apresentam características de um português mais arcaico, presentes também no dicionário de Bluteau (1789), como visto acima. Destacam-se, a seguir, alguns exemplos:

**Quadro 6** – Mudanças por evolução da língua

Edições A e B	Edições C e D
5.a) <i>cabellos, collo, bella</i>	cabelos, colo, bela
5.b) <i>annos, commando</i>	anos, comando
5.c) <i>affrontar, occasião</i>	afrontar, ocasião
5.d) <i>francezes</i>	Franceses
5.e) <i>cahia</i>	Caía
5.f) <i>projectavam</i>	projetavam
5.g) <i>sobre, torvo, esse</i>	sôbre, tôrvo, êsse

Fonte: BARBOSA (2017)

As edições C e D, por sua vez, atualizam a língua para um estado mais próximo ao falado

atualmente. Pinto (1988) trata as mudanças na língua portuguesa a partir do século XX, destacando três momentos precursores do que chama de “a nova língua literária”, dos quais destaca-se dois, relevantes ao presente estudo:

1. O primeiro (1920-45) corresponde ao início da caracterização daquilo que viria a ser a língua literária representativa do século, tomada como um todo, em oposição à que representa o século XIX. Esse momento corresponde a uma atitude, consciente ou inconsciente, conforme o caso de cada escritor ou grupo de escritores, de adesão à ruptura, relativamente aos padrões tradicionais da língua literária luso-brasileira.
2. De 1945 a 1960, aproximadamente, ocorre certo refluxo e relação ao pólo da ortodoxia, sem que isso, no entanto, implique volta ao antigo purismo. Trata-se, apenas, de apego a certa disciplina intelectual, relativamente à produção do texto – uma posição racionalista no tratamento do material lingüístico, com vistas a obter o máximo de eficiência, em termos de transparência e de rigor de expressão. Opunha-se, nisso, ao idealismo característico do momento precedente, empenhado em forjar uma expressão, cuja eficiência ficava na dependência do resultado eventualmente obtido pela aplicação de critérios pessoais. Tal disciplina não significava, pois, plena adesão aos padrões gramaticais e literários do passado, a princípios institucionalizados: constitui, antes, uma atitude de reflexão, de crítica e de seleção dos meios considerados mais adequados à expressão, enquanto correspondência a um estado de espírito reflexivo, crítico e seletivo (PINTO, 1988, p. 10).

Como mencionado inicialmente, embora este trabalho não disponha de um manuscrito do livro em questão, utiliza-se como parâmetro outro manuscrito de Alencar, publicado pela Biblioteca Nacional em 1977, no qual é possível ver marcas de sua escrita que se assemelham ao testemunho base deste trabalho. Nele encontra-se, por exemplo, o uso de “*condicção*”



e “*tradução*”, que traz a consoante [c] na mesma posição que em “*projectavam*”, apontado aqui no exemplo 5.7. A partir disso, cria-se a hipótese de que tais usos de um português mais arcaico sejam marcas do autor, condizentes ao seu tempo, além de certa adesão à ruptura dos padrões gramaticais, como proposto por Pinto e defendido pelo próprio Alencar, em trecho disponível à frente. Seguindo essa hipótese, juntamente com o proposto também por Pinto (1988) sobre a reformulação da linguagem no século XX, pressupõe-se que as edições C e D tentaram atualizar *O Ermitão da Glória*, de modo a submetê-lo a ajustes o texto de um autor por vezes criticado pelos puristas<sup>5</sup> de sua época, que apontavam desvios em seu uso do português. A edição D (1953, p. 02<sup>6</sup>) conta com uma nota explicativa que antecede a narrativa, na qual nota-se um exemplo explícito de reprovação à escrita alencariana:

[...] A não ser os seus caprichos gramaticais, e, afinal, resumidos numa errada colocação de pronomes, toda a obra de Alencar cintila do mais límpido talento, cheia que é de colorido, de vivacidade, de beleza.

Este lindo e comovente livro “O Ermitão da Glória” encarta-se admiravelmente na formosa coleção das obras do imortal escritor brasileiro.

Alencar, ciente das constantes censuras à sua escrita, não hesitou em respondê-las, a exemplo de um pós-escrito publicado ao final da segunda edição de *Diva*<sup>7</sup>, no qual lê-se:

O autor deste volume e do que o precedeu com o título de *Lucíola* sente a necessidade

de confessar um pecado seu: gosta do progresso em tudo, até mesmo na língua que fala.

Entende que sendo a língua instrumento do espírito, não pode ficar estacionária quando este se desenvolve. Fora realmente extravagante que um povo adotando novas idéias e costumes, mudando os hábitos e tendências, persistisse em conservar rigorosamente aquele modo de dizer que tinham seus maiores.

Assim, não obstante os clamores da gente retrógrada, que a pretexto de classicismo aparece em todos os tempos e entre todos os povos defendendo o passado contra o presente; não obstante a força incontestável dos velhos hábitos, a língua rompe as cadeias que lhe querem impor, e vai se enriquecendo já de novas palavras, já de outros modos diversos de locução (ALENCAR, 2006, p. 85)

Sendo assim, pode-se esperar que o texto de Alencar apresente um português arcaico no que diz respeito ao estado de língua, ao mesmo tempo que inovador ao romper as barreiras impostas, quer pelos gramáticos, quer por Portugal, na contramão do que vigoraria posteriormente no século XX, onde encontram-se as edições C e D.

## CONCLUSÃO

Diante do exposto neste artigo, confirma-se o proposto inicialmente: o trabalho filológico é necessário, pois mostra a evolução de textos diacronicamente e o quanto meras mudanças ou pequenos erros de edição podem alterar um texto semanticamente, além de criar

<sup>5</sup>O linguista Bagno (2009, p. 10) afirma que “purista é quem defende a ‘pureza’ da língua contra todas as formas inovadoras, sempre vistas como sinais de ‘decadência’, ‘corrupção’ e ‘ruína’, não só da língua mas também, muitas vezes, dos valores morais da sociedade”. Considerando que Alencar foi um dos precursores da literatura no Brasil, objetivando que sua obra criasse uma identidade nacional em um país que, até então, consumia literaturas vindas da Europa, especialmente de Portugal,

entende-se que as críticas à sua escrita eram feitas por puristas, que defendiam uma rigidez na língua, de maneira elitista, repudiando qualquer uso que fugisse ao padrão estabelecido pelas gramáticas então vigentes.

<sup>6</sup> O número de página informado refere-se à segunda página da nota explicativa, disponível no início da edição em questão.

<sup>7</sup> O texto de referência é a 10ª edição de *Diva* (ALENCAR, 2006), que mantém o pós-escrito em questão





um sucessivo distanciamento entre o original produzido e o que chega ao público leitor. No caso da obra *O Ermitão da Glória*, é possível concluir que as edições A e B possivelmente sejam mais fidedignas ao que foi escrito por Alencar, enquanto as edições C e D apresentam atualizações do estado de língua não informadas ao leitor.

A edição D parece ser a mais problemática, uma vez que, além de atualizar o português, modifica a pontuação, com consequentes mudanças de sentido. Portanto, o processo editorial requer atenção às questões aqui levantadas, o que, infelizmente, nem sempre é respeitado.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Alfarrábios chronica dos tempos coloniaes**. Rio de Janeiro: Garnier, 1873.

ALENCAR, José de. **Alfarrábios chronica dos tempos coloniaes**. Rio de Janeiro: Garnier, 1920. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ub000010.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2017.

ALENCAR, José de. **Alfarrábios chronica dos tempos coloniaes**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1943.

ALENCAR, José de. **Alfarrábios chronica dos tempos coloniaes**. São Paulo: Clube do Livro, 1953.

ALENCAR, José. **Diva**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

BAGNO, Marcos. Quem são os puristas? **Revista Caros Amigos**, São Paulo, 27 jul. 2009. Disponível em: [https://issuu.com/carosamigos/docs/pdfs\\_ca\\_leitores](https://issuu.com/carosamigos/docs/pdfs_ca_leitores). Acesso em: 29 mar. 2019.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Catálogo da exposição José de Alencar**. Rio de Janeiro: Seção de promoções culturais, 1977. 1 fotografia (manuscrito digitalizado), p. 1. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/or1277798/or1277798.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or1277798/or1277798.pdf). Acesso em: 04 nov. 2017.

BLECUA, Alberto. **Manual de crítica textual**. Madrid: Ed. Castalia, 1983 [reimpressão: 1990].

BLUTEAU, Rafael. **Dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Tomo Primeiro, 1789.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

PINTO, Edith. **História da Língua Portuguesa: VI. Século XX**. São Paulo: Ática S. A., 1988.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGGI, Maurizio. **Fundamentos da Crítica Textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

### Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

BARBOSA, J. S. Os caminhos da obra *O Ermitão da Glória*, de José de Alencar: Uma análise filológica. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana/MS, n. 4, p. 50-59, 2017.



**ANEXO 1:** Tabela completa do processo de recensão e colação, apontando as divergências presentes entre as edições dentro do recorte feito

<b>Edição A (1873)</b>	<b>Edição B (1920)</b>
cahia	cahia
sobre	sobre
projectavam	projectavam
torvo	torvo
esse	esse
saliencias	saliencias
Nas aguas das ilhas dos papagaios balouçava-se um barco de borda rasa	Nas aguas das ilhas dos papagaios balouçava-se um barco de borda rasa
fraguras	íraguras
Pelas amuradas e convez do barco viam-se recostados ou estendidos...	Pelas amuradas e convez do barco viam-se recostados ou estendidos...
convez	convez
cerca	cerca
No tilhá	No tilhá
No tilhá sobre alva esteira de côco estava sentada uma linda morena	No tilhá sobre alva esteira de côco estava sentada uma linda morena
cabellos	cabellos
boca	boca
collo, bella	collo, bella
n`uma	n`uma
dizia esta galanteando	dizia esta galanteando
N`esse instante um homem, que descêra a abrupta encosta do rochedo	N`esse instante um homem, que descêra a abrupta encosta do rochedo
atirou-se	atirou-se

annos	Anos
nervo	nervo
sobresaltou-se	sobresaltou-se
e o moço que estava deitado na esteira, ergueu-se de golpe	e o moço que estava deitado na esteira, ergueu-se de golpe
como si o tocára occulta mola.	como si o tocára occulta mola.
Na postura do moço não havia a menor sombra de temor nem de surpresa	Na postura do moço não havia a menor sombra de temor nem de surpresa
affrontar/ occasião	affrontar/ occasião
Do primeiro lanço viu o velho que para elle caminhava	Do primeiro lanço viu o velho que para ele caminhava
inglezes	inglezes
gei.to	gei.to
francezes	francezes
A esse tempo já a maruja toda a postos esperava as ordens do capitão	A esse tempo já a maruja toda a postos esperava as ordens do capitão
Fica certa porém que levo comigo duas horas de felicidade	Fica certa porém que levo comigo duas horas de felicidade
impellida	impellida
De pé	Oe pé
commando	comando
collocao/ castello	collocado/ castello
<b>Edição C (1943)</b>	<b>Edição D (1953)</b>
caía	caía
sôbre	sôbre
projetavam	projetavam
tôrvo	tôrvo
êsse	êsse
saliências	saliências



Nas águas das ilhas dos papagaios balouçava-se um barco de borda rasa	Nas águas das ilhas dos papagaios, balouçava-se um barco de borda rasa
fraguras	
Pelas amuradas e convés do barco viam-se recostados ou estendidos...	Pelas amuradas e convés do barco, viam-se recostados ou estendidos...
convés	convés
cêrca	cêrca
Na tilha	Na tilha
Na tilha sôbre alva esteira de côco, estava sentada uma linda morena	Na tilha, sôbre alva esteira de côco, estava sentada uma linda morena
cabelos	cabelos
bôca	bôca
colo, bela	colo, bela
numa	numa
dizia esta galanteando	dizia esta, galanteando
Nesse instante um homem, que descera a abrupta encosta do rochedo	Nesse instante, um homem, que descera a abrupta encosta do rochedo
atirou-se	tirou-se
anos	anos
nervo	nervos
sobressaltou-se	sobressaltou-se
e o moço que estava deitado na esteira, ergueu-se de golpe	e o moço, que estava deitado na esteira, ergueu-se de golpe
como se o tocara oculta mola	como se o tocara oculta mola
Na postura do moço não havia a menor sombra de temor nem de surpresa	Na postura do moço, não havia a menor sombra de temor nem de surpêsa

afrontar/ ocasião	afrontar/ ocasião
Do primeiro lanço viu o velho que para êle caminhava	Do primeiro lanço, viu o velho que para êle caminhava
ingleses	inglêses
jeito	jeito
franceses	franceses
A êsse tempo, já a maruja toda a postos esperava as ordens do capitão	A êsse tempo, já a maruja toda a postos esperava as ordens do capitão
Fica certa porém que levo comigo duas horas de felicidade	Fica certa, porém, que levo comigo duas horas de felicidade
impelida	impelida
De pé	De pé
comando	comando
colocado/ castelo	colocado/ castelo


Fonte: BARBOSA (2017)



**ANEXO 2:** Manuscrito de José de Alencar, publicado no centenário de sua morte pela Biblioteca Nacional

Recebi de Sr. Baptista de Jesus Gomes —  
quanto de sua parte de seis peças de propriedade  
de romances, Guarany, Lucrécia, Aires Altimira  
e Viacintina; propriedade de que he feita cessar  
perpetua com a condição de dar-me seis  
exemplares de cada nova edição das mesmas  
obras e de repetir por um anno a primeira  
contado que dei a Sr. Theobald para impressão  
a tradução francesa de Guarany. Rio de Janeiro  
23 de Setembro de 1870.

João Baptista de Jesus Gomes





## VIDA E OBRA: O AUTOR COMO “SELO DE GARANTIA”

Fabiane Aparecida Pereira

*Universidade Federal da Fronteira Sul*

Claudiane Freo

*Universidade Federal da Fronteira Sul*

### RESUMO

Este artigo foi desenvolvido a partir do processo de análise da metáfora do “selo de garantia” para representar o autor em relação à sua obra, exposta no livro “Clareza e Mistério da Crítica”, de Adolfo Casais Monteiro. A questão do autor, desde 1960, sempre retorna para discussão, por isso, propomos um debate a partir de um texto publicado no Brasil, antes mesmo das considerações de Barthes e Foucault sobre o autor. Na perspectiva dessa metáfora, a credibilidade atribuída a um trabalho estaria baseada unicamente na biografia de seu criador, excluindo-se fatores subjetivos e impressionistas na apreciação, construção de sentidos e formulação da crítica da obra. Analisando-se os deslizamentos da metáfora no texto, sua historicidade e condições de produção, objetiva-se desenvolver uma análise e reflexão sobre a (in)validade dessa metáfora e suas implicações no modo de fazer crítica. É possível observar que, assim como defende Casais Monteiro (1961), a ideia de *a priori* proposta pela metáfora gera pré-julgamentos, limita a capacidade interpretativa do leitor e pode levar o crítico a uma visão equivocada sobre o objeto lido.

**Palavras-chave:** Autor. Obra. Selo de garantia. Crítica.

### RESUMEN

Este artículo fue desarrollado a partir del proceso de análisis de la metáfora del "sello de garantía" para representar el autor en relación a su obra, expuesta en el libro "Clareza e Mistério da Crítica", de Adolfo Casais Monteiro. La cuestión del autor, desde 1960, siempre vuelve a discusión, por eso, proponemos un debate a partir de un texto publicado en Brasil, antes mismo de las consideraciones de Barthes y Foucault sobre el autor. Desde la perspectiva de esta metáfora, la credibilidad asignada a una obra se basa únicamente en la biografía de su creador, excluyéndose factores subjetivos e impresionistas en la apreciación, construcción de sentidos y formulación de la crítica de la obra. Analizándose los deslizamientos de la metáfora en el texto, su historicidad y las condiciones de producción, el objetivo de este trabajo es desarrollar un análisis y una reflexión sobre la (in)validez de esta metáfora y sus implicaciones en la manera de hacer crítica. Es posible observar que, como defiende Casais Monteiro, la idea de *a priori* propuesta por la metáfora genera prejuicios, limita la capacidad interpretativa del lector y puede llevar el crítico a una visión errónea del objeto leído.

**Palabras-clave:** Autor. Obra. Sello de garantía. La crítica.





## INTRODUÇÃO

Em *Clareza e Mistério da Crítica*, de Adolfo Casais Monteiro, ensaios publicados entre 1946 e 1958, quase todos em jornais brasileiros, são reunidos, dando forma a um texto que revela uma crítica sobre a crítica, dado que problematizam aspectos já arraigados da literatura e sua crítica, história e ensino. Casais considera-se um crítico livre de sistemas, discutindo o valor e a função da crítica sob a ótica do presente, passível de subjetivação e do caráter experimental que lhe confere mobilidade e a caracteriza como “[...] resposta a um objeto concreto” (CASAIS MONTEIRO, 1961, p. 09).

Especificamente no sétimo capítulo de sua obra, Casais trata, a partir do título *Vida e Obra*, a polêmica questão do autor relacionado à obra, que suscita as mais distintas opiniões, uma vez que existe a defesa quanto à dependência e a correlação intrínseca entre o criador e a criação, assim como também é pregada por muitos a ideia de que a vida do autor não deve servir como parâmetro ou fundamentação do sentido do que é lido. Ambas as visões são expostas em seu texto, porém, Casais posiciona-se contra a explicação da obra pela vida do autor, afirmando que o conhecimento dos elementos que contribuíram para sua elaboração não altera nem para melhor nem para pior o valor de uma obra (CASAIS MONTEIRO, 1961).

Para Pêcheux (1990, p. 96), “[...] o efeito metafórico é o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, lembrando que este deslizamento de sentido entre x e y é constitutivo tanto do sentido designado por x como por y”. Neste trabalho, objetivamos expor a visão de Adolfo Casais Monteiro (1990) sobre a explicação e formulação da crítica de uma obra através da vida de seu autor, tendo como base a metáfora do autor como “selo de garantia” e seus deslizamentos dentro da obra e em outras produções, como *O Que é um Autor?*, de Michel Foucault (1969), *A morte do Autor*, de Roland Barthes (1968), *O autor como*

*gesto*, de Giorgio Agamben (2007), *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes (1605), *Políticas da Escrita*, de Jacques Rancière (1995), e as observações de Orlandi sobre o autor em *Análise de Discurso: princípios e procedimentos* (2009).

## 1 A METÁFORA

Parece oportuno considerar que, desde o momento da concepção da ideia até a materialização de uma obra literária, uma dose considerável de esforço, boa vontade e dedicação é depreendida pelo seu autor para que esta não seja somente mais uma simples produção efêmera e desinteressante aos olhos dos leitores, mas uma obra de relevância ímpar e consagrada pelo público. Todavia, esse mesmo autor que engendra e concebe aquilo que tem como um “filho querido” é tomado de referência para o julgamento de sua feitura, como se esta fosse um reflexo de si. Em *Clareza e Mistério da Crítica*, Adolfo Casais Monteiro (1961) polemiza e contesta a visão do autor como “selo de garantia” de sua obra, como aquele que pode “[...] levar o leitor a encarar respeitosamente, através dum nome, ideias que, sem tal *sêlo de garantia*, talvez não lhe parecessem dignas de consideração [...]” (CASAIS MONTEIRO, 1961, p. 132).

Essa influente metáfora propõe a representação da obra pelo nome de seu autor, considerando que a história, a biografia do criador, é essencial para a compreensão e apreciação da obra, em uma tendência à explicação desta pela vida do seu autor, visto sob uma ótica de paternidade em relação ao seu trabalho, conferindo-lhe credibilidade e segurança. Casais (1961) opõe-se a essa perspectiva justificando, em diversos momentos, que a apreciação deve ir além da simpatia pelo autor. Em seu texto, cita ideias de André Billy, Saint Beuve e Proust, sendo este último um refutador da máxima que aponta forte aderência entre autor e obra. A metáfora do



"selo de garantia" surge justamente no momento em que Casais (1961), para defender seu ponto de vista, dá a conhecer as ideias de Proust e acaba por tomar a autoridade do nome Proust como "selo de garantia".

Favorecendo a imagem do autor como "selo de garantia" de sua obra, André Billy, no prefácio da sua *Obras Poéticas de APOLLINAIRE*, escreve:

Como se fosse possível não existir estreita relação de semelhança entre aquilo que fazemos e aquilo que somos, ouvimos dizer que a vida e o caráter do escritor não contam, que só a obra é digna de interesse e que, para bem se compreender esta, nenhuma importância tem o conhecimento do seu autor. [...] Penso, pelo contrário, que o conhecimento do homem é indispensável a quem pretende aprofundar o pensamento e as intenções do poeta [...] (BILLY apud CASAIS MONTEIRO, 1961, p. 130).

Por essa interpretação, vê-se como indispensável o conhecimento do autor como argumento de validação e aprofundamento no propósito da obra e, mais que isso, Billy sugere que todo leitor procura saber sobre o criador para estabelecer com este, laços de afeição e empatia fundamentais para o entendimento, gosto e penetração na leitura, por isso, explica que "[...] é um fato que a curiosidade pelo passado, o estudo de todas as causas e de todas as origens se tornaram uma necessidade, um novo atributo do espírito humano" (BILLY apud CASAIS MONTEIRO, 1961, p. 130).

A "[...] explicação da obra pela vida do autor [...]" (CASAIS MONTEIRO, 1961, p. 130) envolve a necessidade de "[...] uma espécie de comunhão que o leitor procura criar entre si e o autor" (CASAIS MONTEIRO, 1961, p. 131) e um "[...] desejo de tornar presente a figura de quem escreveu coisas que nos tocaram profundamente" (CASAIS MONTEIRO, 1961, p. 132). Porém, esse desejo de união que aflora um sentimento de concórdia passa a servir como parâmetro para se encarar mais ou

menos respeitosamente uma obra. É natural que o leitor estabeleça sua crítica baseada na emoção despertada pelos escritos; entretanto, conhecer o autor e firmar com ele um vínculo pode desenvolver a ilusão de que "[...] o conhecimento daquilo que um escritor foi nos possa explicar o valor daquilo que ele fez" (CASAIS MONTEIRO, 1961, p. 131).

O juízo *a priori* formulado pelo conhecimento da biografia do escritor e sua relação intrínseca com a obra fomenta a probabilidade de equívocos e reprovações levianas que podem consagrar a ignorância e declinar os dignos de mérito. Como poderiam ser sentenciadas, então, obras como as de Shakespeare, de quem se questiona, até hoje, a existência? Ou as de Machado de Assis, quando este nunca chegou a frequentar uma universidade? E as de Fernando Pessoa, que escrevia sob tantos heterônimos que lhe modificavam a personalidade? Perderiam, então, essas obras, a sua essência e encanto por serem seus autores instáveis ou hipotéticos?

Nessa reflexão, Casais ressalta que, embora haja uma "[...] estreita semelhança entre aquilo que fazemos e aquilo que somos, o valor daquilo que fazemos não depende daquilo que somos" (CASAIS MONTEIRO, 1961, p. 131), destacando que há diferenças entre o fazer e o ser e que as intenções e pensamentos do autor nem sempre são postas em sua obra, mas que cada uma delas possui uma interpretação e historicidade únicas.

Casais (1961) discorre ainda, fundamentado em Proust, sobre o preconceito típico dos séculos XIX e XX, que desprivilegia obras mais antigas em detrimento das mais recentes, o que decorre da ideia errônea de que "[...] tudo se mede em termos de progresso" (CASAIS MONTEIRO, 1961, p. 132), de que a atualidade favorece as obras e coloca seus autores adiantados em relação aos predecessores. Porém, Casais Monteiro (1961,



p. 133) afirma que “[...] um escritor genial de hoje não está mais adiantado que Homero”, mas são os dois atuantes em um jogo de recomeços, retomadas e recriações, não devendo a crítica tomar como base a ideia de progresso para suas indicações, mas colocá-los em um mesmo plano para que possa contemplar igualmente autores de épocas distintas e não desmerecer ou favorecer nenhum deles por outro quesito que não a essência de sua obra, distinguindo a “[...] autenticidade essencial e os aspectos acidentais da obra de arte” (CASAI MONTEIRO, 1961, p. 133) e procurando buscar “[...] pela descrição dos dados exteriores, a verdade do indivíduo, e, pelo retrato do homem, encontrar a razão de ser do artista” (CASAI MONTEIRO, 1961, p. 134).

As ideias antibiografistas encontram contraponto nos historiadores que se colocam no papel de descritores fiéis de personagens, tempo e espaço, e, desse modo, consideram a biografia dos autores na análise de suas obras. Sob esse prisma, Dom Quixote, Romeu e Julieta, Dom Casmurro ou Iracema carregam consigo, além de inoxidáveis narrativas, a marca de seus reconhecidos autores, o que suscita a cisma de que se não fossem filiadas a tão renomados literatos, poderiam ter caído no esquecimento. Por outro lado, há os que tomam as publicações como independentes e despregadas de seus mentores, classificando-as por seu âmago e vivacidade, sejam atuais ou antigas, apagando verdades adquiridas e tecendo a crítica a partir do princípio de que, como propôs Proust, “[...] o valor de um crítico está na capacidade de penetração, e não na de aplicar um método com maior ou menor propriedade” (CASAI MONTEIRO, 1961, p. 134)

Como percebemos, os deslizamentos da metáfora do “selo de garantia” no texto de Casais (1961) ocorrem por meio de ideias que expõem como é vista essa relação intrínseca entre o gerador e sua realização. Muitos autores já discutiram sobre o papel/função do autor na

produção de sentidos de sua obra, sendo que entre esses apontamentos, há concordâncias e discrepâncias em relação ao teor de importância desse posicionamento.

## 2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

No papel de crítico literário com personalidade forte e independente, Adolfo Casais Monteiro polemiza, em *Clareza e Mistério da Crítica*, de 1961, com o famoso crítico brasileiro Afrânio Coutinho, que publicou na seção *Correntes Cruzadas*, do Suplemento Literário do Diário de Notícias do Rio de Janeiro, uma defesa da renovação da chamada “crítica de rodapé, em busca da valorização estética da obra e da exclusão do subjetivismo, em um movimento analítico sistemático que privilegiava o cientificismo e exigia um novo posicionamento em relação ao fazer do crítico, enaltecendo a ideia de produção da crítica e contemplando os aspectos formais e o rigor artístico da obra.

Casais Monteiro (1961) questiona, sob esse prisma, aspectos falhos da crítica científica, cobrando qual seria o lugar ocupado pela subjetividade, pela opinião, pelo gosto e pelo dom, particularidades inerentes ao sujeito e que ficariam de fora do exercício crítico quando este passa a ser tomado por disciplina científica. Expondo as contradições de Coutinho, Casais (1961) procura evidenciar a inviabilidade de uma crítica puramente científica, sem interferências impressionistas.

Buscando desvelar falsos dilemas, o estudioso trata, no capítulo Vida e Obra, a calorosa discussão sobre a valorização do autor sobreposta ao peso de sua obra (CASAI MONTEIRO, 1961). Essa noção positivista, empirista e racionalista da autoria supervalorizada, que prezava uma espécie de consagração do autor antes mesmo de sua obra, é refutada por Casais, que considera a sistematização e a dogmatização da crítica como fatores limitadores da livre criação e do



entendimento dos múltiplos sentidos a serem apreendidos da leitura.

### 3 MEMÓRIA DISCURSIVA

Muitas escolhas que fazemos em nosso dia a dia são embasadas na formação imaginária ou visual de um “selo de garantia” que remete à segurança, à qualidade e à aprovação, seja no momento da compra do alimento, seja na opção pelas marcas de roupas, seja na confiança no produto mais caro, como se este “selo” representasse, na verdade, um “certificado” da origem confiável e da satisfação posterior. Esse mesmo entendimento é tido pelos críticos e leitores que tomam o autor como fonte, limite e extremo de sua obra, sobrepondo ao sentido do objeto lido a vida daquele que o versa.

No texto *A morte do Autor*, de Roland Barthes, de 1968, o autor afirma que a partir do momento em que um fato é contado “[...] para fins intransitivos, e não para agir diretamente sobre o real, quer dizer, finalmente fora de qualquer função que não seja o próprio exercício do símbolo, produz-se este desfasamento, a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escrita começa” (BARTHES, 2004, p. 01). Na sociedade contemporânea, a conduta de procurar no texto a voz do autor ainda é comum, como se fosse possível justificar a ficção pela voz daquele que a teceu, vendo na enunciação um antecessor ao escrito, o que revelaria que, na metáfora do autor como “pai” de sua obra, é ele quem “[...] alimenta o livro, quer dizer que existe antes dele, pensa, sofre, vive com ele; tem com ele a mesma relação de antecedência que um **pai** mantém com o seu filho” (BARTHES, 2004, p. 03, grifo nosso).

Essa visão do autor como “pai” de sua obra coloca-o em um passado em relação a esta e o qualifica como “dono”, como “**Autor-Deus**” (BARTHES, 2004, p. 04, grifo nosso) e como “gênio” criador do sentido único de sua criação. Hoje, “apesar de o império do Autor ser ainda

muito poderoso [...]” (BARTHES, 2004, p. 02), muitos são os que conseguem ver e aceitar a multiplicidade de vozes presentes nos discursos e obras literárias, visto que o atravessamento de culturas, dizeres e memórias discursivas – “[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2009, p. 31) – é algo natural que apaga a ideia de originalidade e significado singular. Quando se entende que “[...] dar um Autor a um texto é impor a esse texto um mecanismo de segurança [...]” (BARTHES, 2004, p. 04), percebe-se o quão limitadora é essa visão, que tolhe as possibilidades de leitura e as verdadeiras funções da linguagem. Por isso, essa “morte” do autor anunciada por Barthes faz-se necessária para a dessacralização que pode mutilar a formação do leitor, sendo que, “[...] para devolver à escrita o seu devir, é preciso inverter o seu mito: o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor” (BARTHES, 2004, p. 06).

Em seu texto *O Autor como Gesto*, o filósofo italiano Giorgio Agamben (2007) retoma a famosa conferência de Michel Foucault, *O que é um Autor?*, de 1969, quando este contesta a singularidade e a colocação do autor como mote de sua obra. Agamben também se aventura nesse discurso de (in)determinação do papel do autor, corroborando com as duas noções foucaultianas distintas para este: “[...] o autor como indivíduo real, e a função-autor” (AGAMBEN, 2007, p. 49).

A primeira noção refere-se à existência física e orgânica do indivíduo, que nada afeta sua obra, enquanto a segunda, de caráter social, coloca o autor como a fonte da subjetividade “[...] para além dos limites da sua obra, como ‘instaurador de discursividade’” (AGAMBEN, 2007, p. 50). Foucault (1969) defende a ilegitimidade e “morte” do autor, enquanto Agamben (2007) metaforiza o autor como gesto, mais precisamente como o “**gesto**





**ilegível**” que torna a leitura possível, pois a partir do momento em que “joga” uma vida no papel, ali também fica visível a autoria, por meio da qual o leitor (re)constrói o texto e imprime nele sua participação autoral no desprendimento de sentidos.

Em *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*, obra de referência na área de estudos do discurso, Eni Orlandi (2009) também discorre a respeito da função-autor, referindo-se à autoria como uma função discursiva assumida pelo sujeito como produtor da linguagem e de textos em um processo que implica disciplina, organização e unidade e no qual o autor “[...] é então considerado como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como fulcro de sua coerência” (FOUCAULT apud ORLANDI, 2009, p. 75). Nessa perspectiva do autor como “**princípio**”, coloca-se sobre ele a responsabilidade pela coerência, progressão e unidade do texto, sendo que, para Orlandi (2009), este é evocado toda vez que o sujeito desempenha a função discursiva na produção da linguagem.

Uma visão também valiosa sobre o autor em relação à sua obra vem de séculos anteriores às colocações de Casais (1961). Trata-se da verbalização metafórica do escudeiro não menos engenhoso que seu cavaleiro, Sancho Pança, em *Dom Quixote de La Mancha*, obra datada de 1605. Nela, ao defender seu direito de ser governador da tão desejada ilha, Sancho justifica suas escolhas e diz que “[...] cada um é filho das suas obras” (CERVANTES, 1605, p. 664), em uma menção às consequências do que cada indivíduo constrói, cria e fala. Dessa forma, como “**filhos**” de suas obras, os autores estariam no papel de dependência em relação a elas, pois delas receberiam o substrato para sua existência e o reconhecimento tão almejado, excluindo-se, nessa ótica, a posição de *selo de garantia*, de tutoria e paternidade do criador sobre a criação, pois, como afirma Rocha (2008, p. 152), “[...]

em muitos casos, é a obra do artista que forja seu estilo de vida, e não o contrário [...]”.

Finalmente, nesse embate entre o reconhecimento da paternidade ou filiação do autor em relação a sua obra, colabora ainda Jacques Rancière, propondo a literatura como “letra sem pai”, a “[...] **letra órfã** à procura de seu corpo de verdade” (RANCIÈRE, 1995, p. 41). Ele ressalta a relação da obra com ela mesma em um jogo que vai além do leitor e do autor, pois se alastra pelo mundo dando vez à multiplicidade de possibilidades de construção de sentidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metáfora do autor como “selo de garantia” de sua obra evidencia uma prática bastante comum na crítica: a de tomar como pré-conceito a vida do autor para julgamento do que é lido. Todavia, a credibilidade é algo que deveria ser estabelecido a partir de outros critérios, baseados no sentido e na essência da obra. Quando as palavras, o discurso, o texto são colocados em foco, a biografia do autor, assim como o título da obra, a capa e o material de que é feita recaem para um plano posterior, de complementação e aprofundamento nas condições de produção e historicidade da obra, não exercendo papel crucial na aprovação ou reprovação dos escritos.

Se o julgamento de uma obra/produto pelo seu autor/selo de garantia representasse realmente a certeza de sua qualidade, não existiriam decepções quanto ao conteúdo produzido por marcas/autores de prestígio na sociedade: isso não ocorre geralmente, pois mesmo os nomes mais consagrados são passíveis de adulterações, falhas, equívocos e insucessos. Assim, autores reconhecidos podem ser adorados por obras não tão ricas, enquanto autores menos famosos ou vítimas de preconceitos veem o fruto de seu trabalho caindo no esquecimento ou sendo depreciados,





sem que a sua verdadeira essência seja validada.

O papel da crítica, em especial, é penetrar nas obras de modo a retirar delas o que ninguém mais conseguiu detectar, capturando o âmago oculto sob camadas de opacidade, revelando ao leitor os sentidos invisíveis aos seus olhos ou ignorados involuntariamente. Entretanto, fica comprometida a habilidade do crítico em desempenhar tão importante função se este considerar *a priori* a biografia do autor para formular sua avaliação.

A garantia, a credibilidade, a certificação de qualidade impostas pelo “selo de garantia” devem ser resultados e não precedências, por isso é necessária a desmistificação da visão do autor como criatura sublime e cerceadora do sentido da obra.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O autor como gesto**. In: AGAMBEN, Giorgio. Profanações. São Paulo: Biotempo, 2007, s.p.

BARTHES, Roland. **A morte do autor**. In: O Rumor da Língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CERVANTES, Miguel de. **O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha**. São Paulo: Editora 34, 2002.

MONTEIRO, Adolfo Casais. **Clareza e Mistério da Crítica**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura. 1961.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Conceitos epistemológicos da Análise do Discurso**. Campinas: Unicamp, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Unicamp, 1990 (1969).

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Tradução de Raquel Ramallete [et al]. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Exercícios críticos: leituras do contemporâneo**. Chapecó: Argos, 2008.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

PEREIRA, F. A.; FREO, C. Vida e obra: o autor como “selo de garantia”. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana/MS, n. 4, p. 60-66, 2017.